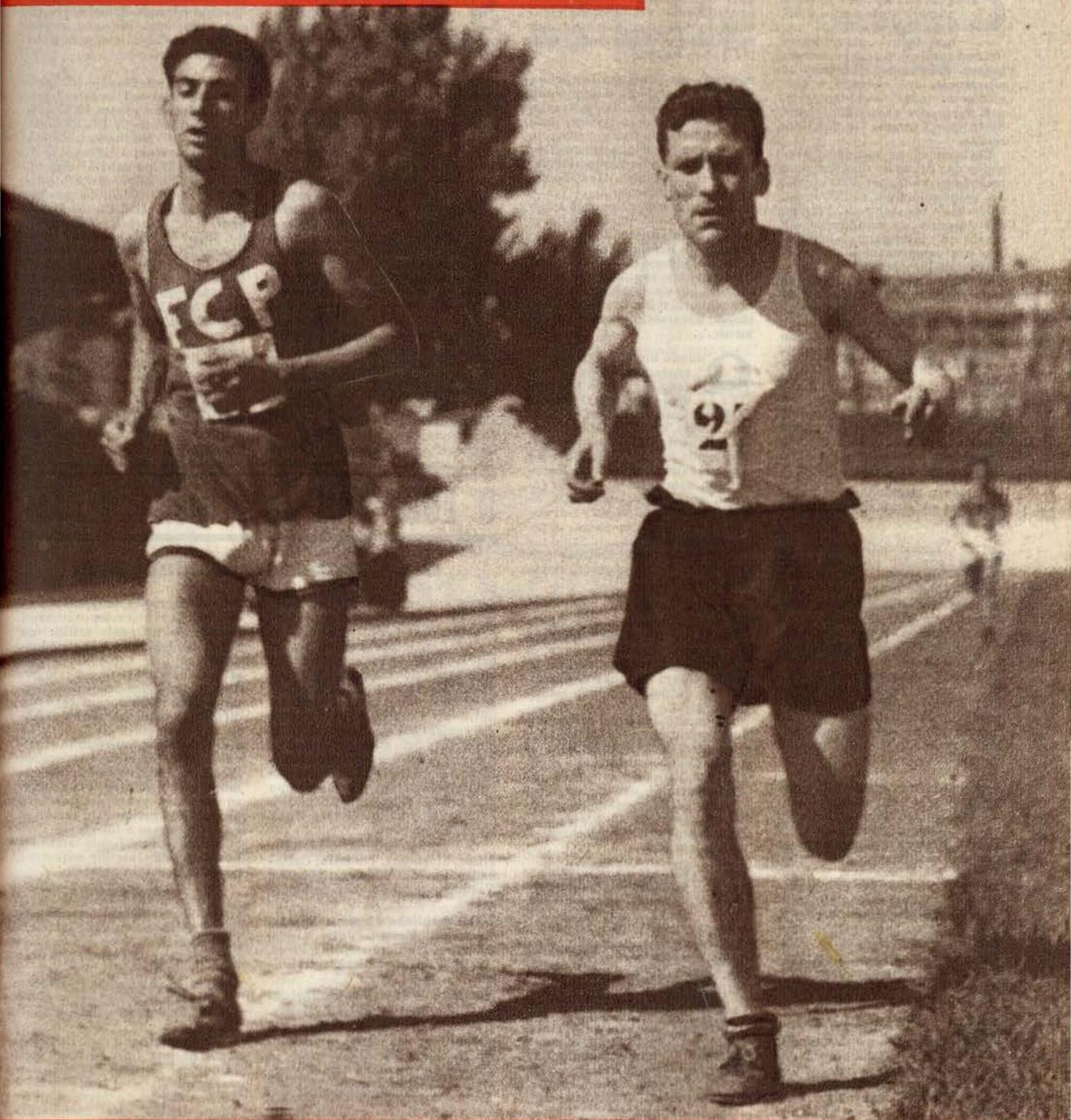


Stadium

O atletismo está em movimento. No Porto e em Lisboa. Na capital do Norte, a primeira Jornada de seniores despertou o melhor interesse, aplicando-se os atletas com empenho como se vê nesta fase da chegada dos 5.000 metros: Leonel Silva, do F. C. Porto, ganha na luta com José Bento, do Académico



N.º 240
9 DE JUNHO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

SPORTING, campeão de Portugal

Última jornada e breves impressões dos jogos — Do 1.º para o 2.º, 6 pontos de diferença; do 2.º para o 3.º 8 pontos; a posição dos restantes concorrentes

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

Chegou, finalmente a jornada número vinte e seis, o último degrau. O dia em que todos os problemas ficaram resolvidos, sem apelo nem agravo. Morreram as derradeiras esperanças, e é chegado o momento de todos se contentarem, pela força dos resultados, com a Sorte que tiveram. Ou não tiveram...

Certamente, os menos afortunados não deixarão de opinar que *poderiam ter chegado mais além...* Se, principalmente, não tivessem sido vítima dos árbitros. Porque, neste aspecto, os sentimentos são iguais de clube para clube. Findou um campeonato — e a esperança renasce para o que vem... Uns pensando que os triunfos não mais se acabam; outros considerando que as coisas vão transformar-se conforme seus desejos.

A última jornada — o chamado ponto final — forneceu os seguintes resultados:

Vitória G. ...	3	—	Elvas	3
Porto	1	—	Atlético	0
Olhanense ..	12	—	Académica ..	0
Benfica	6	—	Boavista	2
Estoril	8	—	Vitória S. ...	0
Famalicao ...	1	—	Belenenses ..	5
Sanjoanense	2	—	Sporting ...	6

Damos a seguir breves notas acerca de cada um dos encontros apontados.

O Vitória de Guimarães encontrou no Elvas um adversário resolvido a jogar a sua cartada! Os elvenses, entusiasticamente, lutaram até ao fim do encontro e conseguiram o empate como prémio do seu esforço. Ao intervalo, o Vitória venceu por 2-1.

O jogo decorreu com equilíbrio, verificando-se fases animadas. Qualquer das equipas procurou atacar, defendendo-se ao mesmo tempo com ânimo. Regular movimentação de parte a parte.

Atlético, uma equipa que quer impor-se, desenvolveu bom futebol e fez boa partida contra o Porto. Primeiro, dominaram os portuenses; depois, os lisboetas. Deu-se, mais uma vez, o fenómeno curioso de um grupo vir a perder, desta vez, de *penalty*, precisamente no seu melhor período...

Os ataques portuenses morreram no sector defensivo do Atlético. Este organizou magníficas avançadas, buscando com energia o empate. A sorte do jogo não quis premiar o seu esforço!

Há resultados que têm justificação, e está neste caso a pesada derrota dos estudantes em Olhão. Com um grupo desfalecido, a Académica deu-se à luta com energia, não se remetendo à defesa, mas procurando sempre o *jogo de ata-*

que. Os algarvios evidenciaram superioridade absoluta, do principio ao fim, traçando esquemas articulados e conseguindo remates de boa marcos.

E' por vezes muito curiosa a evolução de um *team*. Por exemplo, o Boavista, na primeira meia hora, mostrando fibra, conseguiu dominar, territorialmente, o Benfica, e traduzir essa superioridade com duas bolas. Os lisboetas não se *encontravam*...

Depois, aos poucos, veio a calma. Ainda na primeira parte, já em contra-ofensivas de boa organização, o Benfica colocou-se a par do adversário. Depois, os benfiquenses continuaram a subir e os boavistas desceram verticalmente. E o Benfica dispôs, então, do adversário, e venceu facilmente...

Quando um *team* se põe em *vencedor certo*, muito cedo, os encontros perdem interesse. O próprio vencedor desinteressava-se um pouco... Com um Vitória desfalecido, o Estoril pôde comandar inteiramente as operações. De resto, o grupo estava com vocação, construindo esquemas do melhor futebol, no apoio da sua defesa, no trabalho da sua média e um ataque dinâmico, com todas as peças no devido sítio.

Os setubalenses lutaram com energia, mas a máquina estava *desarticulada*.

Todos os esforços do ataque do Famalicao foram improditivos ante a forte defesa do Belenenses: os avançados minhotos, apesar de hábeis, foram dominados no choque do corpo, a que não souberam fugir...

Por outro lado, os belenenses desencadearam com velocidade as suas ofensivas, ligando bem as peças. Cedo encontraram o caminho das balizas, e ao fim da primeira parte já não podia haver dúvidas... No segundo tempo, os lisboetas seguraram o resultado e a luta travou-se sem sobressaltos e surpresas.

A equipa do Sanjoanense terminou o campeonato, deixando boas recordações no seu público. Certamente, os sportinguistas foram mais práticos, finalizando os esquemas traçados, alguns deles golpes estudados, com boa pontaria e força. Mas não se poderá afirmar que os *leões* foram senhores absolutos no terreno...

Verdade, diga-se, os sanjoanenses deram réplica em todos os momentos, dando trabalho à defesa adversária. A cada ataque do Sporting — sucedia-se ataque do Sanjoanense. O *team* local tirou também alguns remates fortes e oportunos.

Sporting venceu com excepcional brilho o Campeonato Nacional, que acaba de disputar-se. Só duas vezes tropeçou, traçando uma marcha vertiginosa para o título com dezasseis vitórias seguidas — ultrapassando todas as *performances*. Venceu, realmente, o grupo de fundo mais sólido, de assistência física e de cuidada preparação de ordem técnica, num evidente equilíbrio de valores.

O Benfica destaca-se depois dos outros; com oito pontos de separação do terceiro. O clube, quando se verificou o abaixamento de forma, reagiu brilhantemente, consolidando a defesa e aumentando o poder do ataque.

Vem depois um lote de três clubes com igualdade de pontos. Belenenses e Porto, com altos e baixos, comportaram-se como equipas de mérito. Mas o Estoril-Praia desempenhou papel brilhante, mostrando-se um grupo de boa ligação, hábil, rápido e com condições de melhorar.

O Olhanense, após uma crise notória, tornou a vir ao de cima: resistência na defesa e rapidez no ataque. E' sexto, seguido do Atlé-

tico, que se comportou bem, o qual também fez bons jogos a par de fracas exibições, revelando irregularidade como característica.

O Vitória de Guimarães, cujo *team* chegou a boa expressão, graças a um ataque impetuoso, ocupa uma posição isolada, — brilhante oitavo lugar! — distanciado de quatro pontos de um lote de quatro, com Boavista, Setúbal, Elvas e Académica. Todos estes *teams*, na fase final, buscaram elevar-se, notando-se a queda dos setubalenses. Famalicao tendo começado bem, decaiu muito. Sanjoanense deu luta, mas tinha fraca categoria.

Classificação final — 1.º *Sporting*, 23 vitórias, 1 empate, 2 derrotas, 123 bolas contra 40.47 pontos; 2.º *Benfica*, 20 1-5, 99-47, 41 pontos; 3.º *Belenenses*, 14 5-7, 66 31, 33 pontos; 4.º *Porto*, 15 3-8, 73 45, 33 pontos; 5.º *Estoril*, 16-1 9, 96-55, 33 pontos; 6.º *Olhanense*, 11-4 11, 69-73, 26 pontos; 7.º *Atlético*, 11-3-12, 55-61, 25 pontos; 8.º *Vitória de Guimarães*, 8 8 10, 54 54, 24 pontos; 9.º *Boavista*, 7-6-13, 52-74, 20 pontos; 10.º *Vitória de Setúbal*, 8-4-14, 45-50, 20 pontos; 11.º *Elvas*, 9 2-15, 65-89, 20 pontos; 12.º *Académica*, 8-4 14, 49-96, 20 pontos; 13.º *Famalicao*, 7-3-16, 60-100, 17 pontos; 14.º *Sanjoanense*, 2 vitórias, 1 empate, 23 derrotas, 26 bolas contra 118, 5 pontos.

A Sanjoanense desceu automaticamente, e o Famalicao por perder o jogo de passagem. As portas abrem-se ao Sporting de Braga e ao Lusitano de Vila Real de Santo António.

O LUSITANO na Primeira Divisão do Campeonato Nacional

Os desafios que ditam uma sentença, de recurso impossível, são muito curiosos. Parece terem em si uma força estranha que atrai e que nos faz ver o jogo com mais interesse e alegria. As duas forças que lutaram uma contra a outra no Lumiar A eram assaz diferentes: o Famalicao, na visão da queda, deu a sensação de ser um grupo mais gasto e de menor força de vontade; o Lusitano, que partia ao assalto, pôs em campo tenacidade e brio, revelando a frescura dos grupos novos e que querem impor-se.

O Lusitano alinhou com Isaurindo, Mortágua, Caldeira, Camarada, David, Madeira, Almeida, Vasques, Angelino, Calvino e Germano.

O Famalicao formou: Sansão, Armando, Ferrão, Júlio Costa, Szabo, Adelino, Sampaio, Pires, Alvaro Pereira, Tellechea e Mendes.

Árbitro — João Vaz, de Lisboa.

A vitória do Lusitano foi justíssima. Os números podiam até ser outros: 3 a 2 a favor dos algarvios não se ajusta nem ao futebol desenvolvido nem às oportunidades de golo. Os lusitanos foram manifestamente infelizes, em vários lances que não deram tentos — por um nada...

Os dois grupos, empatados um-a-um até ao intervalo, praticaram futebol de diferente estilo: nos algarvios, jogo de conjunto e funcionamento de peças ligadas. Os ataques desenvolviam-se com todas as unidades traçando desenhos. Nos minhotos, o caso era diferente: se, nos sectores defensivos, se registava articulação, as ofensivas revelavam o cunho individualista. Era um homem, ou Pires, ou Alvaro Pereira, que caminhava no sentido das balizas, aquele mais vezes do que este, provocando perigos. De sorte que, ao extinguir-se o fôlego do interior-direito (verificada também a inutilização do interior-esquerdo), o desfecho estava previsto.

Notou-se da parte dos algarvios excelente moral e boa preparação física. Eles suportaram perfeitamente as fortes exigências de um jogo decisivo e tiveram forças até o fim para se darem à luta com todo o entusiasmo. Já ao seu adversário não sucedeu o mesmo: na segunda parte, de certa altura em diante, o seu cansaço era nítido.

O que impressiona no Lusitano, *team* de boa fibra, é o seu conjunto. Mas algumas das suas unidades revelam-se habilidosas e destrás. Enfim, o lugar na Primeira Divisão foi conquistado com brio e jogo.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

O Benfica no Brasil

Quando escrevemos, o Benfica trata da sua deslocação ao Brasil. A Direcção Geral dos Desportos deu a necessária permissão, ficando esta dependente do clube conseguir reforços que permitam uma representação honrosa do futebol português em terras brasileiras.

O Benfica deslocaria ao Brasil onze jogadores — Manuel Joaquim, Félix, Fernandes, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Melão e Vitor Baptista — contando com o reforço de Rogério (Barreirense), Baptista (Setúbal), Pacheco (Académico), Massano e Patalino (Elvas) e procurando, ainda, neste altura, outros. Sabe-se que alguns clubes não cedem os seus jogadores.

A representação do Benfica seria chefiada pelo sr. brigadeiro Tamaquini Barbosa, que se faria acompanhar dos seguintes elementos: José Ricardo, director do clube; major Ribeiro dos Reis, como técnico; Manuel Alexandre, como treinador; e Carlos Rebelo da Silva, como jornalista.

Resolvidos alguns pontos e confirmando-se a deslocação, o Benfica partirá de avião na próxima segunda-feira, pelas 10 horas, disputando três encontros no Brasil, dois no Rio de Janeiro a 16 e 20, e um em S. Paulo a 27, regressando no próximo dia 30, também de avião. O jogo no dia 16 é contra o Botafogo, e nele fará a sua estreia o internacional português Rogério de Carvalho, cedido pelo Benfica ao Botafogo.

Não é a primeira vez que equipas portuguesas se deslocem ao Brasil. Não falando já na viagem de Selecção de Lisboa, muito distante, temos as excursões do Vitória e do Sporting, dando-se a circunstância de qualquer destas equipas se apresentar reforçada. Pese aos incidentes havidos na viagem dos selubalenses, pode afirmar-se que os resultados conseguidos pelos clubes portugueses honraram o nosso desporto. Estamos certos que, apresentando-se no Brasil, o Benfica fará todo o possível por continuar essa bela tradição.

O Vasco da Gama foi recebido ainda há pouco em Portugal com grandes provas de simpatia e carinho, e o mesmo sucederá certamente ao Benfica no Brasil.

Há resposta para tudo...

P. 505 — Fala-se aqui que o S. L. e Elvas se vai desfiliar do Benfica e mudar de nome. Passaria a chamar-se Elvas Alentejo. Eu, como grande admirador deste clube, quero saber se, nessa hipótese, o clube poderá continuar no Campeonato Nacional sem disputar quaisquer jogos? (De Joaquim António Barca).

R. 505 — Deve tratar-se de um boato. Mesmo em hipótese afirmativa, era o mesmo clube, e a posição manlinha-se.

P. 506 — Quais os belenenses que constituiram o team campeão de Portugal, em 1927? (De J. B., Caldas da Rainha).

R. 506 — Assis, J. Marques, Azevedo, Joaquim Almeida, Augusto Silva, César, Fernando António, Ramos, Silva Marques, Pepe e José Luis. Um grupo de respeito!

P. 507 — Apostei com um amigo, que tem a mania de saber tudo, em como o 1.º Lisboa-Porto se disputou depois de 1910. Ele diz que não. Pode tirar-nos de dúvidas... (Um adepto algarvio).

R. 507 — Há pessoas que, julgando saber tudo, sabem bem menos do que julgam... O 1.º Lisboa-Porto, que Lisboa ganhou por 7-0, disputou-se em 26 de Abril de 1914.

P. 508 — Não acha que esta antiga linha avançada do Vitória (Eduardo Augusto, João dos Santos, Cambalacho, Armando Martins e F. Santos) seria hoje, mesmo com a tal marcação, o terror das defesas? (Um que nunca leu outro clubr senão o Vitória).

R. 508 — Era uma linha de respeito. Jogavam como gente grande! Se fosse possível fazer a experiência, não tenha dúvidas: qualquer defesa estremeeria...

de, no presente momento. Mas, avisadamente, já lá ficam os alicerces para um aumento de lotação, sem se tornarem necessárias novas fundações.

Seria justo também que se concedessem ao Benfica possibilidades de resolver o seu problema de instalações, já por todas as razões e mesmo pela importância do grande clube. O Belenense também não dorme! E qualquer dia meter-se-á a grandes empresas. Assim é que está certo.

Nam artigo, avisado, e de bom recorte, no «Biltem do Belenense», o sr. dr. Octávio de Brito escreve que «os mestres ingleses nem perturbou nem lançou no desalento derrotista que invadiu inexplicavelmente os adeptos do jogo da bola».

O presidente do Belenense é um homem de desporto; assim, sabe aceitar as derrotas, procurando tirar do fruto amargo algum proveito.

Por isso, o dr. Octávio de Brito acrescenta:

«Os mestres ingleses vieram iluminar com uma luz bem crua esta verdade que todos, mesmo os não técnicos, de há muito sabiam, mas que parecia andar esquecida: para praticar bom futebol é indispensável conhecer os esquemas mais científicos do jogo, mas não é menos necessário que cada jogador seja um executante perfeito, exactamente para poder dar realização prática ao seu saber táctico».

Parece-nos que, nestes dizeres, o conhecido dirigente, talvez sem querer, mas magistralmente, pôs a fórmula que há-de acabar por congruar defensores e opositores do jogo de marcação.

O reconhecimento do jogo táctico, o seu estudo e aprofundamento não são inimigos do domínio da bola. Pelo contrário, os dois aspectos conjugam-se de tal modo que, da sua ligação, resulta o jogador perfeito.

CORRE QUE...

O Belenense adquiriu o concurso de um excelente jogador do Arroios, em quem o Belenense também tinha posto a vista.

♦♦ O Benfica tem já assegurados vários elementos para as suas fileiras: Rogério (do Barreirense), Pacheco (do Académico), Caidão (do Boavista).

♦♦ Massano e Patalino não deixarão o Sport Lisboa e Elvas. A nuvem que se erguia entre a sede e a filial parece ter desaparecido.

♦♦ A resposta da Académica ao pedido de reforço para o Benfica se deslocar ao Brasil foi a seguinte: Bentes não quer ir; quanto a António Maria, não queremos nós que ele vá...

♦♦ Nada se diz de aquisições do Sporting, mas não estranharemos muito que este clube apresente, pelo menos, um caso de sensação.

♦♦ O Belenense desejará alinhar com Sidónio, que, como inteiramente se justifica, tem aspirações. Se Peyroteo continuar a jogar, é possível que o Sporting chegue a acordo com o Belenense.

♦♦ O terreno do Sporting, no Lumiar, é já um tapete verde de relva: até se pode jogar...

CONTA-GOTAS

Reúnem-se esta semana na sede da Associação de Futebol de Lisboa, e a convite da respectiva Direcção, os presidentes dos clubes filiados no Organismo, ou, mais propriamente, aqueles a quem mais interessa a nova mecânica dos Campeonatos.

Achamos muito bem que os clubes de Lisboa, indiscutivelmente, as pedras essenciais do xadrez, não descurem um assunto de tal gravidade e intertenham francamente, ditando a sua opinião. Antes dos factos consumados é que a voz dos interessados se deve fazer ouvir, e não depois...

O Campeonato de Lisboa deve pingar. Pelo menos, é essa a opinião que domina na respectiva Associação. Os presidentes dos clubes dizem:

— Mas se o Campeonato de Lisboa, pelo equilíbrio das forças, é muito interessante no ponto de vista desportivo, dando desafios de bom jogo e além de tudo emocionantes, porquê o ataque que se lhe faz?

— Mas se o Campeonato de Lisboa é do melhor rendimento, desde que os desafios interessem e os clubes não têm encargos, porquê o ataque que se lhe faz?

Sabemos que o Sporting também recebeu um convite para se deslocar ao Brasil. O que não sabemos é se o Sporting deu andamento ao caso na Direcção Geral. Evidentemente, não fazia sentido que dois clubes portugueses se deslocassem, ao mesmo tempo, à grande nação amiga da América do Sul.

Todavia — e o facto é inegável! — estamos em plena era de aproximação entre Portugal e Brasil. Os clubes portugueses interessam no Brasil e os clubes brasileiros interessam em Portugal.

Os brasileiros do Vasco da Gama, por exemplo, levaram de Portugal a ideia de que, por cá, se joga muito mais do que aqui que eles calculavam...

Com as obras do Estádio do Lumiar, ficamos com três campos reclusos em Lisboa, não referindo o Estádio Nacional. Os clubes procuram acompanhar o ritmo desportivo, e, evidentemente, não há hoje jogador que não diga da sua desgraça por actuar constantemente em terrenos calvos. A relva permite o bom futebol e facilita o domínio da bola.

O Estádio do Lumiar ficará com a maior capacidade que po-

Os Cavaleiros portugueses em BURGOS

Uma entrevista com IVENS FERRAZ

DEPOIS de êxitos obtidos em Madrid pela equipa portuguesa, aos quais fizemos referência, assinalamos hoje a brilhante actuação dos nossos cavaleiros no Concurso Hípico Internacional de Burgos, que ali alcançaram duas magníficas vitórias e um punhado de prémios de verha honroso e à altura das gloriosas tradições da cavalaria lusitana.

Vencedores do «Grande Prémio» e da «Gañadores», — por intermédio do tenente Henrique Calado no «Vouga», — os nossos concurrentes ficaram em 2.º lugar em quase todas as provas e arrancaram 30 prémios apesar de terem tido cavalos impossibilitados de concursar por doença.

Ninguém melhor do que o tenente-coronel Ivens Ferraz, chefe da nossa equipa nos concursos de Madrid e Burgos, nos poderia elucidar acerca do comportamento dos nossos representantes. Por isso o procurámos, logo após a sua chegada a Lisboa. E o tenente-coronel Ivens Ferraz, um nome que não necessita de apresentação tão conhecido é nos meios desportivos de Portugal, começa por nos afirmar:

— Estou de facto muito satisfeito com a actuação da equipa em Espanha. Em Madrid não eram de esperar melhores resultados do que aqueles que se alcançaram, conforme eu já afirmara ao subsecretário de Estado da Guerra no momento da partida, baseado é claro na maneira incerta como os cavalos ficaram a saltar depois do Concurso de Lisboa, que tivera todos os percursos carregados com demasiado número de obstáculos.

Em Burgos — continua o nosso entrevistado — a classificação pode considerar-se brilhante, magnífica, pois que em quatro dias arrebatamos sempre os 2.º lugares, batidos apenas pelo «Quorum» o melhor cavalo da Espanha, e nos três últimos dias classificamo-nos em 1.º, 2.º e 3.º e 1.º, 3.º e 4.º.

E a confirmar a sua opinião o tenente-coronel Ivens Ferraz es-



Tenente — coronel Ivens Ferraz

clarece que enquanto que em Madrid se obtiveram 26 prémios e 13.500 pesetas, em Burgos foram ganhos 30 prémios e 27.075 pesetas o que dá um total de 56 prémios e de 40.575 pesetas. Estes números falam claro.

Sabíamos vagamente que houvera troca de cavalos e ao abordarmos o assunto o nosso entrevistado afirma-nos:

— Todos os cavaleiros montaram os cavalos que lhes haviam sido indicados em Portugal mas no penúltimo dia, na «Copa de Madrid» (Grande Prémio), o major Helder Martins caiu com o «Optus» ficando impossibilitado de Concursar. Logo nessa prova foi o tenente Calado quem montou o «Xeres» classificando-se em 2.º lugar num feliz percurso sem penalidades. Como o Concurso de Madrid fôra muito violento visto que durante as provas apenas houvera um de repouso os cavalos portugueses e espanhóis partiram para Bur-

gos a sofrer-lhe as consequências. Assim, era obrigado todos os dias a ir de manhã examinar os animais e ver aqueles que estavam em condições de tomar parte nas provas, num número variável entre 5 e 8 cavalos. Daqui resultou a necessidade dos três cavaleiros que restavam à equipa, aos quais respeitou a posse do seu melhor cavalo, aproveitarem os outros fazendo-os oscilar de mão em mão tendo em conta as características de cada um deles.

— E deu bom resultado?

— Sem dúvida. Devo dizer-lhe que os oficiais se adaptaram inteiramente a este imprevisto mostrando todos eles um grande poder de adaptação e de improvisação que conduziu aos melhores resultados. Todos os membros da equipa depois da minha visita às cavalariças esperavam com um sorriso as novidades desse dia...

— Qual o cavalo português mais brilhante? — perguntamos.

— O «Alcoa» foi de todos o melhor.

O nosso entrevistado faz uma breve pausa e continua:

— O concurso de Madrid tinha claramente demonstrado que o tenente Calado estava mal servido de cavalos. As experiências mostraram o seu magnífico entendimento com o «Vouga», conseguindo-se um «conjunto» perfeitíssimo. Há que arranjar agora um outro.

— Quanto à organização das provas?

— Bos. Os dois concursos, como o de Lisboa são preparados para grande número de cavalos dos respectivos países do que resulta a necessidade de neles se incluírem provas demasiadamente fáceis. Para os cavalos poderosos são estas as mais ingratas

porque obrigam a galopes fora do normal o que por vezes «desafina» os animais para as provas seguintes. O concurso de Madrid começou

com um tão fácil que «Xeres» e «Optus» ficaram fora da classificação apesar dos seus percursos limpos. Era nos percursos fortes que nós tínhamos mais possibilidades embora disponíveis neste momento de cavalos rápidos.

— Também as houve difíceis?

— Basta que lhe diga que no Grande Premio de Madrid foi apresentado um percurso tipo «potencia» de alturas variáveis de 1,40 a 1,60, oscilando a vaza entre 4 e 5 metros e tendo por vezes sobre ela uma triplice vaza a 1,40. Era uma pirâmide de respeito. No Grande Prémio de Burgos havia um muro de 1,55 com uma vaza a 1,55 que os nossos passaram com facilidade ao passo que os melhores espanhóis como «Reinas», «Rancheros», «Palometa» e «Acubche» foram nele desclassificados.

Referimo-nos seguidamente ao facto de em Madrid se terem perdido duas provas por 1/5 e 2/5 de segundo. O tenente-coronel Ivens Ferraz percebe a nossa dúvida e esclarece:

— A cronometragem é eléctrica e certa. De resto eu assistia às marcações dos cronómetros não por duvidar mas para poder garantir a sua certeza aos oficiais da equipa.

— Houve apostas? — atalhámos.

— O sistema de apostas por grupos de cavalos faz esquecer ao público a preocupação da vitória dos seus compatriotas visto que apostando no cavalo que julgavam com maior possibilidades de ganhar queriam acertar no prognóstico. Alguns cavalos da equipa portuguesa eram favoritos devido a regularidade dos seus percursos.

Antes Teixeira



José Carvalhosa, com o «Tete», salta um obstáculo difícil, em Madrid.



Correia Barrento, no «Alcoa», na altura de um magnífico salto.



O «Vouga» de Henrique Calado, entusiasmou pela precisão e energia.

Um CLUBE!



A equipa do Sporting, que conquistou o título máximo do futebol português

O Lumiar está já coberto de relva. Bem tratada. Uma verdadeira maravilha



Dr. Ribeiro Ferreira, presidente do Sporting

Este é o ano desportivo do Sporting! Tem razão de ser esta afirmação. Boa presença na actividade desportiva, campeões de Lisboa e Nacional de Futebol e taça «Baçillo de Oliveira» para os seus juniores. Os seus atletas já conquistaram os Campeonatos Nacionais de Atletismo. Associativamente, o Sporting deu-nos este ano um exemplo de quanto pode valer a sua força clubista. E o piano é vasto, grandioso.

Depois da sede — um grande e enérgico passo em frente na vida do clube — o Sporting inaugura no próximo domingo as obras do Estádio do Lumiar. Campo relvado, pista de atletismo, «relevés» para ciclismo, novas bancadas e peão, etc. Mas não é tudo ainda. A obra prosseguirá.

Nesta altura — por todo o campo vai a azáfama dos últimos momentos — o aspecto do estádio é admirável. Como se modificou!

Algumas palavras a propósito nos concedeu o presidente dos «leões», o dr. Ribeiro Ferreira, um

dirigente cuja actividade tem sido especialmente prestigiosa conduzindo o clube a uma situação de grande desenvolvimento.

Falamos com o dr. Ribeiro Ferreira no gabinete da Direcção. Lá estava, ao topo da mesa das reuniões, como sempre, o estandarte do clube.

— A direcção do Sporting, fiel à palavra dada, inaugura o seu campo atlético no próximo dia 13 — diz-nos o presidente do Sporting, logo que lhe pedimos referência acerca do novo parque de jogos dos «leões». — A inauguração — continua — faz-se com a obra como havia sido projectada para esta primeira fase.

Há pequenos portamentos que podem parecer imperfeições mas quando tudo estiver concluído a uniformidade será completa.

Trata-se, por agora, de uma área não incompleta, mas sim não inteiramente pronta.

— Que trabalhos se concluíram nesta primeira fase?

— Arrelvamento do campo com respectivos drenagens e caixas. Sistema de regas. Sistema total de esgotos. Na pista de atletismo e nas cabeceiras, no topo dos arrelvamentos, as caixas necessárias para outras modalidades de atletismo. Circundando a pista de atletismo a de ciclismo, que por enquanto está em terra batida para se

notarem quaisquer imperfeições nos «relevés» que se corrigirão devidamente para depois se cimentar. Este trabalho estará concluído em Dezembro. Também estão abertos os dois túneis de acesso ao campo e construídas as bancadas dos topos Norte e Sul com uma altura de sete degraus. É uma pequena parte do que falta fazer. O peão é que já está completamente concluído, excepção de uma pequena parte no lado do sul mas até ao dia 13 não há tempo de proceder ao seu acabamento. Concluídos os dois bufetes do «peão», balneários, para homens senhoras e bilheteiras.

O dr. Ribeiro Ferreira continua a referir-se à obra com visível entusiasmo:

— Logo a seguir à inauguração começaremos os trabalhos da bancada do topo sul e nela, com carácter definitivo se farão as construções de algumas instalações necessárias à vida do clube.

— O custo das obras?

— Até agora estão gastos 2.500 contos. Quando tudo estiver concluído estará em 16 mil contos o custo da obra.

Isto quanto a instalações, porque estamos empenhados numa melhoria constante nas nossas secções atléticas. Ao bom conjunto das nossas instalações queremos ligar a equipa forte de atletas, verdadeiros «leões» do desporto.

Essa remodelação já tem sido premiada com os resultados lisonjeiros que se têm observado.

— Na vida associativa?

— A reforma dos nossos estatutos, que vão entrar em vigor.

— O Sporting caminha em glória?

— Alguma coisa se tem feito do muito que há a fazer. Ainda estamos no primeiro degrau da longa escadaria que temos de subir. Mas a direcção do Sporting está cumprindo com a sua palavra. O que tem afirmado ser capaz de realizar, tem realizado. É este o nosso título de glória.

O dr. Ribeiro Ferreira terminou as suas palavras a propósito da inauguração do Estádio do Lumiar — uma definição agora acertada do seu campo de jogos.

O Sporting, um grande clube de desporto, aparece-nos em franca prosperidade, impondo-se de facto pelo prestígio da sua actividade e pela série de realizações que o apresentam como um dos grandes elementos do desporto nacional.

Fernando Sá



Dois magníficos aspectos do Estádio do Lumiar. Num dos lados, à esquerda, vê-se a caixa de salto; à direita, uma parte da pista e do peão

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VII — Os 10.000 metros e as provas de fundo

A época de provas em estrada no ano de 1939 apenas incluiu, além do programa oficial, uma estafeta chamada «dos Campeões», organizada pelo jornal «O Século» no circuito do Parque Eduardo VII (2 quilómetros). Cada equipa era formada por dez elementos, dos quais os cinco primeiros percorriam uma vez o circuito e os cinco últimos, duas vezes; a totalidade, na distância de 30 quilómetros.

A representação do Clube de Futebol «Os Belenenses» venceu em 1 h. 17 m. 41 s., seguida pelo do Sporting, que só no último percurso conseguiu ultrapassar a do Benfica, por intermédio de Aníbal Barão, que se impôs a Manuel Dias.

Nos 30 km. do campeonato regional de fundo participaram dez corredores; Tiago Ribeiro, do Benfica, chegou em primeiro, no tempo de 1 h. 51 m. 37 s., seguido pelos seus camaradas de clube Manuel Dias, 1 h. 53 m. 46 s. e João Miguel, 1 h. 54 m. 52,6 s. O Belenenses, que dispunha então da mais completa equipa de corredores de fundo, conquistou a vitória na estafeta Cascais-Lisboa, em 1 h. 16 m. 38 s. (Matos Henriques, Angelino Pinho, Joaquim Correia, Merlinho e Nogueira), seguindo-se-lhe o Sporting, 1 h. 18 m. 19 s. e o Benfica, a um segundo de diferença. Classificaram-se ainda mais três equipas (uma do Sporting e duas do Internacional).

Em pista, as provas de 10.000 m. foram, como sempre, as indispensáveis: campeão de Lisboa e Nacional, Manuel Nogueira, em 33 m. 36,2 s. e 34 m. 15,4 s.; campeão do Porto, Coutinho Mourão, em 34 m. 50,5 s.; o portuense Albino Silva foi segundo no Nacional, em 34 m. 27,5 s.

Em 1940, os provas foram apenas as oficiais, com a nova inclusão da prova regional de 15 Km., preparatória do campeonato lisboeta de fundo.

Limitar-nos-emos a arquivar resultados.

15 km.: Nogueira (Bl.), 50 m. 37 s.; Barão (Bl.), 51 m. 15 s.; Abreu (Bl.), 51 m. 26,4 s.; chegaram mais 16 concorrentes.

30 Km.: Manuel Dias ganhou em 1 h. 42 m. 17 s., seguido por Abreu, em 1 h. 42 m. 35 s. e Tiago, em 1 h. 49 m. 27,6 s., todos do Benfica.

Campeonatos de 10.000 m.: Lisboa, Nogueira em 34 m. 40,4 s.; Porto, Coutinho Mourão em 35 m. 25,5 s.

No Nacional, disputado na pista do Lima, os dois representantes do Belenenses, Nogueira e Barão, distanciados dos adversários, entraram na meta abraçados, em 33 m. 14,4 s., aceitando o empate sem luta, o que contrariava as leis técnicas do atletismo. O caso lá custando a desclassificação e ambos, evita-se porque o júri reconheceu a boa fé dos corredores e a sua ignorância dos regulamentos, classificando Nogueira em vencedor porque os juizes de chegada verificaram que cortara a linha com ligeiro avanço. Esta corrida, disputada em condições favoráveis, foi aquela que em Portugal forneceu melhor conjunto de boas marcas; os quatro primeiros obtiveram os seus melhores resultados, Nogueira e Barão como já dito, Manuel Dias em 33 m. 25,4 s. e Fernando Soares em 34 m. 5,3 s.

Falta apenas indicar a tradicional estafeta Cascais-Lisboa, a que concorreram cinco equipas, vencendo a do Benfica (Pires de Almeida, Jaime Miranda, Abreu, M. Dias e João Miguel) em 1 h. 18 m. 6 s.,

seguido-se as duas equipas do Belenenses a 1 m. 19 s. e 3 m. 44 s., o Internacional e o Vendedores de Jornais.

Foi menor a actividade oficial de 1941, pois desapareceu a prova de 15 km., mas em compensação realizou-se num festival no Estádio do Lumiar uma corrida de meia hora e, em Setembro, uma prova em estrada entre a Trafaria e a Costa da Caparica, ganha na categoria de filiações por Salvador Antunes em 16 m. 35 s. e na dos novos não filiações ainda por um desconhecido, Filipe Luís, em 16 m. 1 s., que se consagrou com melhor tempo do que o vencedor da categoria superior. Este estreado vai conquistar lugar de realce na continuação da história da especialidade.

O campeonato regional de fundo foi novamente para Manuel Dias, em 1 h. 47 m. 18,6 s., com Salvador (Sp.) em segundo, em 1 h. 59 m. 50 s.

A estafeta Cascais-Lisboa, com cinco equipas à partida, das quais duas sportingistas, disputou-se em percurso modificado, aproveitando em parte a estrada marginal já construída; venceu o Benfica (J. Miranda, Pires de Almeida, M. Dias, Armando Pereira e João Miguel) em 1 h. 20 m. 53 s., com 21 s. de vantagem sobre o Sporting.

Foram campeões oficiais dos 10.000 m.: do Porto, Albino Silva em 37 m. 39 s.; de Lisboa e Nacional, Nogueira (Sp.), em 36 m. 53 s. e 33 m. 58 s.

Finalmente, os resultados da corrida da meia hora foram os seguintes: Manuel Nogueira, 8.594,7 m. (tempos intermediários, a cada quilómetro: 3 m. 6 s., 6 m. 16 s., 9 m. 36 s., 13 m. 5 s., 16 m. 36 s. na léguas, 20 m. 11 s., 24 m. 8 s. e 28 m. para os 8.000 m.)

A figura dominante na temporada de 1942 foi Filipe Luís, representando o Cercavelinhos; depois de conquistar o título regional dos 10.000 m., na pista das Salésias, em 33 m. 1,2 s., mas tendo percorrido por lapso dos juizes uma volta a menos no percurso (359 m.), venceu o campeonato nacional em 33 m. 59,4 s., batendo Nogueira por 1,5 s.

Albino Silva manteve o seu título noroentho, com o tempo de 34 m. 45 s.

Os vencedores das duas corridas em estrada foram: nos 15 km., Nogueira em 50 m. 50,6 s., seguido por Miguel, Salvador e Filipe; Manuel Dias terminou décimo. Nos 30 km., com cinco concorrentes, João Miguel em 1 h. 44 m. 49 s., precedendo Anacleto, Bispo e Marcelino. Os tempos intermediários, conseguidos por Miguel e Salvador Antunes (que desistiu aos 23 km.) foram de 35 m. 40 s. para os 10 km., 54 m. 15 s. para os 15 km., 1 h. 11 m. 15 s. para os 20 km. e 1 h. 29 m. 10 s. para os 25 km.

A estafeta Cascais-Lisboa correu-se pela primeira vez integral-

mente na estrada marginal, percurso definitivo.

Correram quatro equipas (duas do Benfica) e o Sporting (José Gaspar, Salvador, Barão, Alberto Ferreira e Nogueira) venceu em 1 h. 18 m. 57 s., com 1 m. 24 s. de avanço sobre o Benfica e 3 m. 18 s. sobre o Cercavelinhos.

Os vencedores dos percursos parciais, que estabeleceram recordes, foram: Cascais-Estoril, José Gaspar em 6 m. 32 s.; Estoril-Paredes, Pires de Almeida (Bl.) em 13 m. 34 s.; Paredes-Peço d'Arcos, Barão em 22 m. 48 s.; Peço d'Arcos-Algés, Alberto Ferreira em 18 m. 23 s.; Algés-Alcântara, Nogueira em 17 m. 12,4 s.

O programa dos anos seguintes manteve-se inalterável nas suas linhas gerais; abreviemos o comentário, já que é fácil obter os elementos referentes.

Em 1943, Nogueira ganhou mais uma vez os 15 km. em 46 m. 7,8 s. e Miguel os 30 km. em 1 h. 44 m. 30,8 s.

Os campeões das duas léguas em pista foram: Albino de novo, em 35 m. 52 s. e João Silva em 34 m. 52,9 s.; no Nacional, o Benfica não inscreveu os seus representantes por desacordo com a Federação e, na pista do Sporting, que era então inaugurado, Nogueira alcançou mais um título em 35 m. 4,6 s.

A prova Cascais-Lisboa, com três equipas apenas em competição, deu lugar a uma luta entre o Benfica (Jorge Azevedo, Armando Pereira, João Silva, Miranda e Pires de Almeida) e o Sporting (Celado, Jaime Martins, Alberto Ferreira, Barão e Nogueira); o último benfiquense peritiu com avanço confortável, mas Nogueira atacou com energia e recuperou terreno, para final, ameaçadoramente. Pires de Almeida, talvez com pouco fundo para a distância, terminou extenuado e caiu antes de transpor e meta, sendo levantado por camaradas presentes. Este incidente deu motivo a reclamação do Sporting, contra o qual foi também apresentada participação por apoio irregular durante o percurso; em consequência, a Associação decidiu anular a prova.

O relato da actividade nestes derradeiros três anos, porque se encontra nas nossas crónicas em «Stadium», porque está presente em todos os espiritos interessados, reduzi-lo-emos ao mínimo.

Nas provas de pista reinou João Silva, em absoluto, com Afonso Marques como lugar-tenente. No final de época passada, em Barcelona, disputando o Portugal-Espanha, este derrotou pelo primeiro vez o seu valoroso rival.

Nas provas de estrada, averbou Manuel Gonçalves duas vitórias: nos 15 km. de 1944, em 52 m. 12 s. e nos 30 km. de 1946, em 1 h. 47 m.



Adelino Tavares, na sua melhor época, corre em cortiz-mato

47,4 s.; Salvador Antunes, do Atlético, ganhou os 30 km. em 1945, em 1 h. 42 m. 43,4 s. e João Silva triunfou nos 15 km. em 1946, no tempo de 51 m. 7 s.

As estafetas Cascais-Lisboa foram, sucessivamente, vencidas pelo Benfica (1944 em 1 h. 15 m. 8 s. e 1945 em 1 h. 19 m. 42,4 s.) e pelo Sporting, em 1946, em 1 h. 15 m. 19 s. O recorde do trajecto Cascais-Estoril, foi melhorado em 1944 por Pires de Almeida, para 6 m. 20 s. e em 1946 por Francisco Bastos, para 6 m. 9,2 s.

Jaime Martins, do Sporting, fixou o tempo mínimo do troço Estoril-Paredes, em 1944, em 13 m. 22 s.; a estafeta Paredes-Peço d'Arcos foi percorrida em 1944 por João Silva em 20 m. 52 s. e por Afonso Marques, em 1946, em 20 m. 47 s.; o recorde de Peço d'Arcos-Algés passou em 1944 para 17 m. 30 s., por Manuel Gonçalves e em 1946 para 17 m. 21 s., por Joaquim Quaresma, do Sporting; finalmente, o tempo de Algés-Alcântara baixou em 1944 para 16 m. 15 s., por Manuel Nogueira, e em 1946 para 16 m. 7,8 s., por João Silva.

Em 8 de Agosto de 1946, na pista do Lumiar, João Silva conseguiu bater o velho recorde de Almeida, da meia hora, percorrendo 9214,75 m. na época anterior, o mesmo corredor melhorara também o recorde das duas léguas em pista.

Eis, para concluir como habitualmente, a lista das melhores marcas nacionais nos 10.000 metros: João Silva (Bl.), 32 m. 15,8 s., 8-7-45; Afonso Marques (Sp.), 32 m. 23,4 s., 28-7-46; António de Almeida (V.J.), 32 m. 23,8 s., 2-7-27; Albino Rodrigues de Silva (F. C. P.), 32 m. 52,4 s.,

O Benfica, campeão de Lisboa e de Portugal, venceu também a «Taça de Honra»

A «Taça de Honra», última prova oficial da época, foi vencida, brilhantemente, pelo Sport Lisboa e Benfica, que, na final, realizada sábado passado, derrotou o Vasco da Gama, por 42-25.

Com este triunfo, o popular clube dos «encarnados» demonstrou que a sua equipa, há pouco, ainda, acuada de grave crise, não perdeu as qualidades que a levaram a vencer, consecutivamente, o Nacional de 1946, a «Taça de Honra», desse ano, e os campeonatos de Lisboa, de Portugal e a «Taça» da presente temporada.

E confessem-nos satisfeitos por tal avaria não ter tido confirmação, porque, assim, o basquetebol lisboeta continua a poder contar com um representante digno, valeroso e à altura de saber defender os títulos que, com tanto mérito, alcançou.

O jogo Benfica-Vasco da Gama não teve a presença-ló ama assistência «record», certamente porque o recinto do Lisgrz, teatro de luto, não comportaria todos os que desejariam lá estar, para poderem acompanhar de perto o magnífico encontro. Mesmo assim, chegou a algumas centenas o número de pessoas que tiveram o prazer de ver, em todos os seus pormenores, mais este memorável desalo entre os campeões de Lisboa e do Porto.

O Benfica começou o jogo decidido a surpreender o adversário com a rapidez dos seus elementos e, realmente, os primeiros doze minutos pertenceram-lhe. Trindade abriu a contagem e, até ter sido atingida a marcação de 13-6 — momento em que o Vasco pediu o seu segundo minuto de descanço — o Benfica fez, sucessivamente, 6-2, 8-4 e 9-6. Dois «cestos», um de Homero e outro de Trindade, elevaram o marcador a 17-8, altura em que o Vasco da Gama substituiu Abílio Serafim por Madureira. A entrada deste jogador foi benéfica para os portuenses, pois que, em poucos minutos, a diferença registada quase desapareceu, em consequência dos oito pontos obtidos por Madureira (6) e Pina (2), contra dois lances livres, transformados por Trindade e por Sebastião. Ao

intervalo, 19-16, a favor do Benfica.

No segundo tempo, ambas as equipas se empregaram a fundo, mas, nos primeiros minutos, o marcador não sofreu alteração. Porém, depois de um «cesto», de Trindade, o Benfica começou a criar uma nitida superioridade e a distanciar-se dos seus perigosos antagonistas. Algumas passagens da marcação: 24-17, 28-19, 34-21, 38-23 e, finalmente, 42-25. Os últimos oito pontos do Benfica foram feitos por Homero.

Quando o resultado estava em 34-21, Pina saiu com quatro faltas pessoais. Também, pouco depois, o Benfica trocou os seus jogadores Campos, Trindade, Sebastião e Morais, por Leonel, Luis Santos, Américo Alves e Jaime João. No campo, ficou, apenas, Homero Reis, o seu excelente e dedicado capitão.

Pelo que deixamos dito, o Benfica mereceu, incontestavelmente, o triunfo, porque mesmo quando o seu rendimento diminuía, não foi inferior ao Vasco da Gama.

Todos os seus jogadores actuaram com grande brilhantismo. Campos e Morais, na defesa, foram dois pilares que os vascos, dificilmente, passaram. De notar, o esforço de Campos, que alinhoa, doente, mas não quis dispensar a sua colaboração à equipa. Dos avançados, Homero realizou uma extraordinária exibição, digna do seu magnífico passado desportivo. Trindade e Sebastião, indomáveis e ilgarantes, desconcertaram a defesa do Vasco e realizaram, igualmente, uma óptima partida.

Do Vasco, salientaram-se Pina e Valentim. Abílio e Dias Leite, muito fracos. Madureira teve o mérito de concretizar a grande reacção da sua equipa.

Árbitro o sr. Penetra Antunes.

A visita dos brasileiros

Como tem sido noticiado, efectuar-se, nos próximos dias 14 e 16, no Pavilhão dos Desportos, duas sessões de basquetebol. Em que colaborará a equipa da Confederação Brasileira de Desportos, que, a convite do Belenenses, se deslocou até nós.

O programa, que compreende os Jogos Belenenses-Confederação, na primeira noite, e misto de Lisboa-Confederação, na segunda, está sendo cuidadosamente elaborado pelo clube organizador. Os preços, bastantes acessíveis, devem chamar ao Parque Edoardo VII numerosa assistência, interessada em ver os jogadores brasileiros, como se sabe, considerados entre os melhores da América do Sul.

Aproveitando a sua estadia em Portugal, os visitantes jogarão em Coimbra e no Porto, seguindo, depois, para Espanha e França, onde cumprirão contratos já firmados.

O contacto com os britânicos

alargaria as possibilidades dos atletas portugueses

LONDRES, Julho de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

Porque não o intercâmbio desportivo entre portugueses e britânicos? Em Inglaterra desconhece-se que Portugal é um país desportivo, que não só pratica futebol mas também muitas outras modalidades que por cá têm muito público.

No entanto, e a dar nas vistas, apenas o Portugal-Inglaterra em futebol, o desporto n.º 1 de todo o mundo. Uma prova de vela, ligeiras coisas em automobilismo e pouco mais...

Ora, se portugueses e ingleses quisessem, muitas compelições poderíamos ver, em Londres como no nosso país. A Inglaterra não é apenas forte em futebol, como se sabe, e o seu atletismo faria jurar nos pistos nacionais.

Em aquel patinado temos encontrado a Inglaterra nos campeonatos oficiais, e ainda recentemente esteve no Pavilhão dos Desportos a sua equipa representativa.

Seria de aplaudir, portanto, que conjuntos ingleses permissessem com os grupos de Portugal, agora que o nosso país chegou ao apogeu por causa da sua grande vitória nos campeonatos da Europa e do Mundo.

Se os clubes principais se interessassem, e as próprias Federações, Londres poderia ver a classe dos nossos jogadores, apreciar de perto o valor da nossa equipa representativa, do Paço de Arcos ou outros de boa categoria. Na Inglaterra há muita simpatia pelo quei em pelins, justificado, aliás, porque até ao ano corrente conquistaram sempre os campeonatos mundiais e da Europa. Logo, uma organização anglo-portuguesa despertaria entusiasmo aqui, ao mesmo tempo que faria conhecer a nossa capacidade no campo desportivo.

Em futebol não fomos felizes, mas espera-se a oportunidade de anular um tanto esse má impressão. Em quei nos pelins não sucederia assim, certamente...

Poderá dizer-se que o convite deveria ser feito primeiro por ingleses. Mas se provocarmos também esses encontros, contribuiremos para expandir esta modalidade, levando-a a todos os cantos do Mundo, e não importa que inicialmente seja de um ou de outro.

Os britânicos, por sua vez, possuem admiráveis equipas. Muitas não têm representação no grupo nacional, mas são admiráveis, podendo mesmo anular as mais prestigiosas equipas portuguesas.

Esquecendo o quei em pelins, ganhar o atletismo português com a visita de uma boa equipa do atletismo britânico. A Inglaterra é forte, fortíssima. Mas isso mesmo nos agradaria bastante. E com os mestres que devemos aprender.

Os portugueses têm conduzido, ou, melhor dizendo, canalizado todas as suas iniciativas desportivas pela via espanhola, mas temos e im-

pressão de que deve vir até mais longe. Atletas ingleses poderiam visitar as pistas de Portugal, criando entre lusitanos uma escola, impondo até acentuado progresso dentro dos clubes e no espírito dos praticantes. Os amadores ingleses não deixariam com certeza perder o passelo e por certo corresponderiam os desportistas de Portugal. Estamos em plena época de atletismo. Todas as tentativas neste sentido seriam de louvor...

Em natação? Ficaria mal uma boa equipa portuguesa nos piscinas de Inglaterra? Mário Simas, por exemplo, seria capaz de aguentar o embate com alguns nadadores britânicos. A classe dos ingleses é boa, porque se pratica por cá natação em larga escala, e também aprenderíamos muito. Interesse, no desporto, enfrentar quem possa contribuir para a melhoria dos grupos e dos seus componentes. Portugal precisa de aprender. Como? Jogando com os mais fortes, provocando compelições, mesmo perdendo, mesmo à custa de um ou de outro desgosto.

E por aí além. O próprio remo. Porque não? Em hipismo, chamando até cá os nossos melhores cavaleiros; deslocando para aí uma equipa de corridas. Se os portugueses vissem em Portugal uma boa equipa inglesa de rugby, talvez se estimulassem, talvez o próprio público ficasse a compreender melhor a sua beleza, o seu movimento, a sua força atlética.

Portugal precisa de se lançar para mais longe. Para além da Espanha, que já nos não pode ensinar absolutamente nada! E, de vez em quando, ainda nos confraria com exigências que já se não usam. Em Inglaterra, pelo menos.

Fernando Mendes

O Estoril

na Primeira Divisão do Campeonato de Lisboa

O Grupo Desportivo da Cuf, desceu para a Segunda, e o Estoril Praia subiu para a Primeira Divisão da A. F. L. Vencendo a primeira mão por 3-1, no campo do adversário, e a segunda por 4-0, em sua casa, o Estoril revelou maior capacidade e sobe por direito justo de conquista. O melhor futebol do Estoril dominou amplamente a Cuf. Os vencedores, bem articulados na defesa, construíram ataques de boa marca, e o seu adversário nada pôde fazer.

Salazar Carreira

Monteiro Poças



O guarda-redes do Boavista, antes do seu defesa, despachou para longe, com os punhos, um remate de Julio (encoberto)

O BENFICA *ganhou na* 2.ª PARTE



O guarda-redes do Boavista no chão, não defenderia. Mas um seu companheiro interrompeu a marcha de Arsénio.



Melão tenta passar os defesas portuenses mas não o consegue nesta jogada.



Barrigana, no jogo entre o Porto e o Atlético aplicou-se para evitar remates do adversário. Uma das suas defesas, numa bola alta



A defesa do Atlético impõe-se a Frettas. Araújo está também atento!



Este remate de Boavista não chegou às redes. Não houve perigo!

Vitória difícil do PORTO



O Estoril Prata regressa à Divisão de Honra da A. F. Lisboa. Venceu no último domingo a «Cuf», que baixa à segunda divisão



A bola é de Gastão. O médio cufista conseguiu levar a melhor desta vez



Uma defesa de Eduardo Santos. Bravo está próximo e é um perigo

O ESTORIL REGRESSA A'1ª DIVISÃO da A.F.L.



A equipa do Lusitano da Vila Real de Santo António, que conquistou a entrada na 1.ª Divisão



O guarda-rede algarvio, com a bola bem segura, evita um remate de Mendes



O Famalicão, perdendo com os algarvios, deixa a 1.ª Divisão nacional. Eis a sua equipa

O
LUSITANO
do
ALGARVE
Subiu



Uma estrada valente de Isaurindo. A bola afasta-se para longe e um minhoto já não chega a tempo

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

CICLISMO

A Volta à França

Está em pleno progresso a famosa prova ciclista de fama europeia, que se disputa pela 47.ª vez. A maioria dos ciclistas inscritos revelou pouca preparação e muito entusiasmo pelo que, nesta data, só restam 72 concorrentes de 100 que alinharam à partida, em Paris.

A primeira tirada, entre a capital francesa e Lille, coube ao suíço Fernando Kubler; a segunda, de Lille a Bruxelas, foi ganha pelo francês Renato Vietto, um dos favoritos da competição; a terceira, entre a capital da Bélgica e a do Luxemburgo, constituiu o triunfo do italiano Ronconi, outro competidor de respeito; a quarta, do Luxemburgo a Estrasburgo, foi conquistada pelo francês João Rubic, e a quinta, entre Estrasburgo e Besançon, viu a vitória de Kluber novamente.

Depois desta etapa, houve descanso de um dia, necessário para enfrentar as sucessivas ascensões a que a orografia do terreno obriga os corredores, começando no Col d'Épinal.

Por enquanto é cedo para imaginar a quem venha a caber o triunfo. Ronconi, campeão de Itália, de fundo, e René Vietto, francês, animam a batalha, mas o suíço Kluber não parece disposto a um papel de comparsa.

O campeonato de Espanha (fundo)

Realizou-se num percurso clássico de 150 km. o campeonato espanhol de meio-fundo. Coube o triunfo ao ciclista Bernardo Capó, sobre Bernardo Ruiz, Gual, Berrendero, Olmos, etc.

O tempo do vencedor foi de 4 horas 3 minutos e 33 segundos, ou seja uma média de 36,953 km. à hora.

A luta entre os dois primeiros, que não se produziu com a tenacidade necessária, podia ter invertido as classificações, mas Ruiz, embora fresco, preferiu abster-se de batalhar.

TÊNIS

Budge vencido por Riggs

Durante os campeonatos do Mundo (profissionais) que se realizaram em Forest-Hill, Nova-York, o famoso tenista Bob Riggs conseguiu derrotar o não menos famoso Donald Budge por 3/6, 6/3, 10/8, 4/6 e 6/3 no desafio para o título.

Budge, apesar da idade, fez uma bela demonstração que durou duas horas, e só foi obrigado a ceder quando o fôlego se extinguiu, na última partida.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Pagamento adiantado

Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6 » »	65\$00
12 » »	130\$00

FUTEBOL

Checoslováquia, 2 - Dinamarca, 2

Foi em Copenhague que se efectuou este desafio. Os checos mostraram mais classe e melhor técnica, mas insistiram no jogo alto, facto que favoreceu os dinamarqueses.

No centro da linha atacante dos nórdicos compareceu o famoso Praest, considerado tão bom como o sueco Nordhall, e os checoslovacos saíram a terreno sem Bastin, o melhor dianteiro da Europa Central.

Checoslováquia, 2 - Holanda, 1

Decerto para desfazer a impressão deixada anteriormente no desafio com a Dinamarca, os jogadores checos deslocaram-se aos Países-Baixos e lutaram contra o grupo nacional holandês.

No final do encontro, a Checoslováquia derrotou os adversários por 2 bolas a 1.

O Campeonato Norte Americano

No dia 13 do corrente principiará a disputar-se na cidade de Habana (Cuba) o campeonato de futebol da América do Norte e pela primeira vez participa no torneio uma equipa dos Estados Unidos.

Embora não fosse ainda revelado o nome do grupo, tudo leva a crer que seja o Fall River F. Clube, onde há muitos portugueses, entre os quais o famoso Gonçalves, que passa por ser o melhor futebolista norte-americano.

Fall River foi campeão dos E. U. A. em 1946 e venceu também este ano.

Os restantes países, México, Canadá, e Cuba, enviam ao torneio as suas seleções nacionais.

Ora aqui esta uma novidade para os leitores europeus!

O Campeonato Argentino

No fim da décima primeira jornada continua à frente da classificação o clube Independente, vencedor do Banfield por 3-0.

O S. Lorenzo de Almagro derrotou por 3-1 o Lanus; River Plate ganhou a Huracán (3-2); Boca Juniors e Platense empataram (1-1); Estudantes venceu Racing (2-0); Vélez Sarsfield derrotou Tigre (3-0) e Chacarita Juniors desfez-se de Atlanta por 4 a zero.

Assinem a STADIUM

NOTA DA SEMANA

Há muitos anos que o jogo do ténis deixou de constituir um passatempo reservado a meia dúzia de carolas, nomeadamente os padres ingleses e as senhoras de meia-idade.

Como jogo atlético não fica devendo nada aos congêneres; como espectáculo é belo, emotivo, rápido e destro, dum colorido e duma simplicidade raros.

Todavia, não é o seu elogio que pretendemos esboçar. Queremos pôr em relevo a circunstância de haver principiado o famoso Torneio Internacional de Wimbledon, verdadeira Meca desportiva dos apaixonados da raqueta.

Sem contar com as grandes estrelas do continente europeu, principiando por Drobny, da Checoslováquia, e passando por Bergelin (sueco), Petra (francês), o italiano Cucelli, etc., os australianos, Bromwich, Pails, Geof. Brown e os americanos Kramer, Tom Brown, Falkenberg e Segura deram ao torneio todo o brilho e importância que teve antes de 1939, quando luziram astros sensacionais, da craveira de Donald Budge, Von Gramm, Vines, Tilden, Cochet, etc.

O super campeão deste ano é o titular dos Estados Unidos, Jack Kramer, um dos finalistas, e aquele cuja autoridade dentro da pista sobrepuja o conjunto dos outros ases.

A crítica tece os mais fervorosos elogios à passmosa técnica do seu estilo, afirmando que nem Vines ou Perry se lhe comparam e só Donald Budge o igualou.

Diante deste artista tombaram, quase sem luta, os restantes competidores. Resta-lhe somente ganhar a final, contra o seu compatriota Tom Brown, que ele próprio derrotou no desafio derradeiro para o Campeonato da América.

Wimbledon, todos os anos, é um famoso acontecimento, a que não falta a própria Família Real. Este ano, porém, excedeu as expectativas mais optimistas.

R. B.

AUTOMOBILISMO

O Grã-Prémio da Europa

Pela primeira vez desde 1930, correu-se em Francochamps (Bélgica) o Grã-Prémio Automobilístico Europeu. Mais de cem mil espectadores presenciaram a competição entre os dezanove participantes, onze dos quais não conseguiram terminar o percurso.

O corredor francês Jean-Pierre-Wimille chegou à meta em primeiro lugar, pilotando um Alfa-Romeu, ficando em segundo e terceiros lugares, respectivamente, os italianos Zanasi e Aquiles-Varzi.

A velocidade do vencedor foi de 153, 426 km/hora.

HIPISMO

O Grande Prémio de Paris

Esta importante prova hipica, criada em 1863 pelo duque de Morny, e reservada a cavalos com 3 anos, voltou a ter o brilhantismo de antes da Guerra. Cento e cinquenta mil espectadores, entre os quais o Presidente da República Francesa e muitas senhoras elegantes e chiques, assistiram à corrida em Longchamp. Ganhou o cavalo «Avenger», da coudelaria de Aga Khan, cobrindo os 3.000 metros em 3 minutos 16,12 segundos. A vitória trouxe a bonita soma de quatro milhões de francos ao proprietário do equidío vencedor.

Concurso Hípico do Porto

José Beltrão no «Squalus» ganhou o «Grande Prémio»

Mais um Concurso Hípico do Porto, sem a participação dos cavaleiros e évalos da equipa nacional, que, à data da realização das provas, andavam por terras de Espanha.

Claro que o interesse para o público é menor, bastante menor, mas os outros concorrentes, alguns deles, e não poucos, de qualidades e valor também comprovado, têm maiores possibilidades de impor os seus cavalos, que, embora não consagrados, podem no entanto chegar a magníficos lugares da classificação.

Sem os chamados cavalos «vetetas», há mais interesse para os cavaleiros que os não possuem e uma coisa compensa a outra.

O Centro Hípico do Porto organizou como de costume o seu certame, que teve lugar no hipódromo da Fonte da Moura, e que proporcionou lutas muito animadas, principalmente entre os «ases», que disputaram entre si os primeiros lugares, com três em evidência, o marquês do Funchal e os capitães Beltrão e Guedes de Campos. Qualquer deles brilhou a grande altura, aliando as suas qualidades de concursistas às possibilidades dos seus cavalos.

Enquanto que o major marquês do Funchal brilhou com «Ebro», levando-o à vitória na «Omnium» e na «Nacional» e o capitão José Beltrão arrancou com mérito o «Grande Prémio» com «Squalus», o capitão Guedes de Campos tirou bom partido do cavalo que recebera em troca do internacional «Bajone» — o «Abandonado» — alcançando o 1.º lugar na «Secretariado Nacional de Informação», de colaboração com o seu regular «Ribamar», visto que a prova era feita em dois cavalos.

Qualquer dos oficiais marcou, no certame do Porto, um lugar à altura do seu valor, tanta vez demonstrado além-fronteiras.

O «Ebro» continua a dar boa conta de si e a ser sempre perigoso competidor, e o «Squalus», outro nacional, promete chegar muito longe. Quanto ao «Abandonado», sugere-nos perguntar se teria encontrado o cavaleiro que necessitava para verdadeiramente se impor.

Mas o Concurso do Porto teve mais concorrentes em evidência, se bem que tivéssemos feito referência aos mais brilhantes. Foi boa a vitória de Lopes dos Santos na «Regularidade», assim como a de «Milho Ferro» na 1.ª série da «Omnium», alcançadas respectivamente sobre «Avro» e «Estemido».

O capitão Joaquim Leote triunfou na «Taça de Honra» montando «Ourique» e o tenente Granate conseguiu com «Bambino» o primeiro lugar da «Despedida».

Entre os novos um nome começa a evidenciar-se, o do alferes Farnusco Júnior, que, sem bons cavalos, conseguiu brilhar na Fonte da Moura.

Alguns dos nossos mais conhecidos cavaleiros, como Reimão Nogueira, Barros e Cunha e Lemos da Silveira estiveram abaixo, muito abaixo, do seu normal e das possibilidades dos seus cavalos. Pura infelicidade.

Na prova de «Sargentos» brilhou o sargento Rosa Pereira, que se classificou em 1.º e 4.º lugares justa compensação para quem como ele tanta devoção tem vindo dedicando ao desporto hípico, quer acompanhando ao estrangeiro os cavalos da equipa, — isto há mais de 15 anos — quer ensinando equitação, ou concorrendo a provas de obstáculos. No Porto montou «Bainha» e «Droguista».

D. Maria Helena Asseca, um nome que começa a decorar-se, ganhou a prova de «Amazonas», montando «Estemido», e fê-lo com gentileza e elegância.

A. T.

NATAÇÃO

A taça Fernando Sacadura

valeu pelo duelo Algés-Estoril Praia

Fernando Sacadura, atleta da melhor fibra, desportista correcto e valoroso, nadador dos mais completos que tem havido em Portugal, malabarista «xímio no jogo do «waterpolo», com uma carreira brilhantíssima que data de 1920, toda ela polvilhada de títulos e de recordes, teve, no domingo último, o seu dia, a sua festa de consagração. Que Fernando Sacadura, em boa verdade, não precisava dela. A sua consagração, através de vinte e oito anos consecutivos de competições, está feita e refeita.

Mas o Algés entendeu, e muito bem, que a taça instituída em 1944 — quando das bodas de prata de Fernando Sacadura, como nadador — ficasse a disputar-se pelos anos fora, numa perpétua consagração de um esforço e de uma dedicação que dificilmente encontram par.

E ao vê-lo, domingo de manhã, participar no «seu festival» com

o entusiasmo, com o desportivismo de sempre, não pudemos deixar de recordar, instintivamente, com emoção, aquela noite de Julho de 1935 em que Fernando Sacadura, num esforço gigantesco, se superiorizou ao magnífico madrilenho Echevaire, vencendo, com brilho, uma prova internacional de 200 metros-brucos.

Passaram doze anos...

Muitos nadadores surgiram. Muitos nadadores desapareceram. Sacadura mantém-se. E ainda, há dias, nos festivais com o Canôe de Madrid, alinhou nas estafetas de velocidade pura e nos desafios de «waterpolo».

A quarta edição da «Taça»

O festival de domingo — quarto da série — valeu fundamentalmente pelo duelo travado entre o Algés e o Estoril-Praia.

O clube organizador marcou superioridade em «iniciados»,

Comentarios

Desleixo imperdoável

Nos recentes campeonatos nacionais de juniores, disputados na pista do Lima, verificou-se, ao conferir os percursos para efeitos de homologação de recordes, que a pessoa encarregada das medições o fizera com imperdoável leviandade, enganando-se umas vezes para mais, outras vezes — o que foi muito mais grave — para menos. Assim, porque essa pessoa lhe roubou oitenta centímetros nos 150 metros que percorreu, fiado no rigor técnico dos organizadores e sob a garantia federativa, o excelente corredor Myre Dorez ficou privado de uma glória a que tinha legítimo direito.

O incidente é muito desagradável e afecta sem remissão o prestígio dos dirigentes, que, todos, lamentam depois o triste acontecimento, mas não cuidaram a devido tempo de o evitar. É caso para perguntar o que foram fazer ao Porto, com um dia de antecedência, os delegados da Federação Nacional.

A Volta Ciclista à França

Nenhuma prova ciclista, de quantas se disputam pelo Mundo inteiro, alcançou o prestígio e suscitou tão forte movimento de interesse universal como a Volta à França, que agora e pela primeira vez depois da guerra está de novo em plena actividade.

A longa interrupção sofrida e influência da causa que a motivou provocaram quase integralmente a renovação dos quadros participantes. Desapareceram os nomes tradicionalmente ligados aos triunfos na grande prova; os Bartali e Martano, os Maes e Vervaecke, os Magne, Leducq e Speicher são hoje simples espectadores ou tiveram os intensos esforços a que obriga a Volta.

Dos consagrados de outrora só um alinhou à partida, o francês Vietto, que ao segundo dia de corrida vestiu a simbólica camisola amarela. A grande maioria dos participantes foi, pois, constituída por elementos jovens, cuidadosamente seleccionados entre

Que nos recorde, é esta, na história de atletismo português, a primeira vez que tal sucede. E não fazia falta.

O esforço de um atleta é merecedor de respeito e consideração; é inadmissível que, por desleixo de quem lhe deve dar o exemplo, resulte inútil.

Podem os responsáveis alegar que, a mesma pessoa que agora errou, sempre cumpriu em anos anteriores a mesma missão sem dar motivo a reparos; nunca foi hábito os delegados técnicos da Federação conferirem antes das provas o trabalho do marcador das pistas.

Isto não constitui desculpa; prova apenas que liberam sorte no passado, mas não evita que, ante a razão, sejam eles os directos responsáveis do que agora sucede.

O trabalho de aferimento das marcações não é muito pesado nem moroso; faz-se numa única volta à pista e é função de lápis, papel e contas de somar.

os que mais se haviam destacado nas competições da temporada; aconteceu, porém, o que podia prever-se, porque é enorme a diferença entre corridas isoladas, a oito dias de prova, e um percurso extenso obrigando a tiradas diárias e esforços consecutivos sem tempo para recuperação: os que eram julgados melhores falharam e, logo nas duas primeiras jornadas, desistiu um quarto dos ciclistas que haviam partido de Paris para o Norte. Também auullado número de corredores franceses, que haviam sido relegados para as equipas regionais, estão fazendo melhor prova do que os eleitos para a equipa representativa do país.

Esperemos pelo fim para formular juízo definitivo, mas desde já se pode reconhecer como primeira conclusão das peripécias iniciais da Volta, que os ciclistas das novas gerações não estão preparados para arcar com tão violentos esforços e não valem, por enquanto, os seus antecessores.

«principiantes» e «juniores». Os reapezas da Costa do Sol dominaram na prova reservada a seniores.

A turma de iniciados do S. A. D. fez uma excelente corrida. Eduardo Barbeiro, José Costa e Fernando Madeira compuseram o elenco que cobriu o percurso, igual em todas as estafetas — 3x66 metros, três estilos — em 2 m. 48,8 s.

A prova de principiantes resultou animada, graças ao duelo Algés-Estoril, tendo o primeiro, por intermédio de Franco do Vale, Luís Sebastião e Manuel Riccia, di, conseguido superiorizar-se por dois décimos de segundo.

Igualmente renhida, a luta na estafeta de juniores, que sete dé-

cimos de segundo de vantagem traduzem com fidelidade, merecedor relevo o percurso de Guilherme Patróni, que, pode dizer-se, decidiu a prova.

S. A. D.: Carlos Vale, Alfredo Janardo e Patróni — 2 m. 28,1 s.; Estoril: Campanela, Jeremias e Luís Oliveira — 2 m. 28,8 s.

O elenco de seniores do Estoril — Simas, Mendes Silva e Belmiro — dominou em absoluto, tendo feito uma prova magnífica, e, como é natural, no melhor «tempo» do festival: 2 m. 22,5 s.

Nas provas femininas apenas o Algés se fez representar, tal como na espectacular estafeta de 12x66 metros-livres.

Abreu Torres

REMO na lagoa de ÓBIDOS



Dentro de dias — nos próximos domingo e segunda-feira — vai disputar-se a nossa mais importante prova nacional de remo: o Campeonato Nacional.

Esta vez, e obedecendo ao desejo da Federação Portuguesa de Remo em encontrar um local que reuna as condições ideais para este desporto, as regatas vão efectuar-se na Fox do Arelho, lagoa de Óbidos, onde tudo se prepara para que estas provas desportivas constituam uma das mais belas jornadas de propaganda da útil modalidade.

Os dois mil metros necessários para as várias regatas — mais de uma dezena de competições — foram traçados num dos pontos mais formosos da lagoa e que reune também aceitáveis condições técnicas para esse efeito.

Na margem da lagoa construíram-se bancadas para três mil pessoas, tribunas para as entidades oficiais, imprensa e rádio, etc. Os remadores têm para os seus barcos um conjunto de mudanças onde estão com toda a segurança as embarcações.

O acontecimento desperta interesse enorme e a Câmara Municipal e a Junta de Turismo das Caldas da Rainha lançaram-se num trabalho entusiástico e dedicado para que estas regatas dos Campeonatos Nacionais resultem prova desportiva magnífica.

O desporto do remo vai ter ali a sua grande festa!

Dezenas de desportistas vão para a Fox do Arelho desejosos de com extrema energia conquistar um troféu que é para a sua maneira de ver o melhor galardão que podem obter, depois de darem tudo por tudo. Os músculos vencendo os dois mil metros de água, que as prouas esguas dos seus barcos hão-de cortar.

Já lá estão os primeiros desse grupo de cerca de 200 que vão remor na lagoa de Óbidos. Os treinos só por si já estão animando a linda lagoa.

A festa do remo na lagoa de Óbidos aproxima-se. Tudo se prepara e tudo está a postos. E garantidos estão os transportes. A camionagem e os caminhos de ferro organizarão já as suas carreiras extraordinárias e especiais para que a influência do público seja regulada em comodidade e rapidez.

Os campeões de remo apressam-se para a sua grande prova do ano!

São treze os clubes que se deslocam às Caldas da Rainha, Associação Naval de Lisboa, Clube Fluvial Portuense, Clube Naval

de Lisboa, Naval 1.º de Maio, Sport Clube do Porto, Ginásio Figueirense, J. D. da C. P., J. D. da C. U. F., Sporting Caminhense, Ferroviários do Barreiro, Galitos de Aveiro, Estoril Praia, Clube Naval Infante D. Henrique.

Os campeonatos dividem-se em dois dias de provas. No domingo 6 regatas, na segunda-feira, 9 — campeonatos de «ant-riggers» de 4 e 8 remadores juniores e seniores; «yolles» de 4 e 8 remadores, juniores e seniores e «skitts», juniores e seniores.

A competição será rija. A par de cada tripulação desejar para si o título de campeão, há o facto destes campeonatos para o IV Portugal-Espanha que oito dias depois se disputa em Lisboa. Além disso existe um belo prémio, um «yolles» de 4 remadores.

Oferecido pelo sr. governador da Guiné, comandante Sacramento Rodrigues e destinado a prémia a vitória da regata de «yolles», seniores.

Entre todos os remadores que se deslocaram a Fox do Arelho, dois dos conjuntos têm para si a supremacia o Sporting Caminhense e os Galitos de Aveiro. No entanto todas as outras tripulações estão em condições de lhe dar luta da melhor. Do Sul, o Estoril Praia, a C. P. e os Ferroviários do Barreiro são competidores de respeito. O Norte prepara-se para dificultar até à última remada a vitória dos campeões.

Esta é facto em perspectiva um grande acontecimento do desporto.

F. S.



O sr. presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, e o sr. dr. Pereira das figuras que muito se estão esforçando na organização dos campeonatos nacionais de remo

TOUROS no CAMPO PEQUENO

Para ver Manoleta encheu-se o Campo Pequeno, apesar dos elevados preços, aliás justificado pela lotação da praça e pela grandeza do cartá, com o toureiro mais caro de todos os tempos e ainda com Luis Miguel Domingua e Parrita, João Nuncio e José Rosa Rodrigues, e nove touros de José Infante da Câmara.

O 1.º, pequeno e rabão, foi para João Nuncio que o toureou como quem é, mas prejudicado por um cavalo que o comprometeu várias vezes. Foi aplaudido e deu a volta à arena com António Matias que pegou bem.

O 2.º, gordo e bravo, permitiu que Manoleta mostrasse a sua classe excepcional em «Verónicas» rematadas com «emdas». Com a «muleta» começou ao natural, rematando com o de peito, e insistindo em três séries, melhorando sempre — ao som da música — e acabado por fazer dobrar o touro, correndo o toureiro a mão como só ele faz. Perfilou-se direito e simulou a morte. Ovação, volta à arena e saudação a meio da praça.

O 3.º ofereceu dificuldades a Luis Miguel Domingua que o recebeu de joelhos, com um farol, cravando depois dois pares ao quartel e tentando dois «queibros». Com a «muleta» esteve valente. Ovação, volta e saudação.

4.º. Com muito nervo, e Parrita com muito receio, desenhando apenas com passe natural e tres em redondo. Aplausos de compreensão.

5.º. Não foi de feição para mais um éxito de José Rosa Rodrigues que assim mesmo confirmou os seus anteriores, bem montado, citando de cara, deixando-se ver, cravando a «estribo» e justificando merecidos aplausos. Boa pega de António Sapatinho.

6.º, bravo, lidado a duo por João Nuncio que cravou dois curtos magníficos, sucessivamente iguados por José Rosa Rodrigues que assim provou estar à altura do mestre, e mais bem montado. O público entusiasmou-se e ovacionou os dois cavaleiros que deram a volta à arena com os

seus peões Protecção e Saraiwa, e com o forçado Brás, que pegou bem.

7.º. Não manio que saltou cinco vezes à trincheira, mais fácil que um cavalo de salto de obstáculos. No final enrincheirou-se tão irremediavelmente que foram inúteis os intentos de Manoleta, com passes de «tiron», até à desistência. Aplausos de nítida compreensão.

8.º. Também ofereceram dificuldades, tantas que o grande peão David perdeu duas vezes o capote, mas Luis Miguel, que o bandarilhou com seus bons recursos, castigou-o nas táboas até o levar para o meio da arena, onde o «muleto» bem com a direita e depois com a esquerda, prodigalizando passes de todas as «marcas» — faroes, «molinetes» e «Manoletinas» — ao som da música e entre ovações que se repetiram em volta à arena.

9.º. Outro touro em que Parrita nada pôde fazer, além de dois naturais apreciáveis.

São muitos nove touros, e a corrida acabou tarde, mas com alguns momentos agradáveis, como acima escrevamos.

Ivo Borba dirigiu com acerto. O público é que não acertou descobrir a popular Beatriz Costa que se soube esconder com seu marido, o sr. Edmundo Gregório, a quem como boa «aficionada» foi mostrar o que é uma corrida de touros, que ele nunca tinha visto. E parece que gostou, e que voltará, no regresso do Cairo.



O passo de peito com que Manoleta rematou cada uma das três séries de naturais que deu no seu 1.º touro da corrida do Campo Pequeno. E não se esqueceram os passes naturais, seja o de peito forçado ou não, mas sempre aconselhável para que o touro não aprenda na série, não tras vícios, desenganando-o para reconhecer como o de Cardora les 37 três vezes

Manuel dos Santos triunfa em Espanha

Escrevemos que, reconhecendo no jovem Manuel dos Santos um toureiro fino, aguardávamos a sua aparição em Espanha para sabermos se ele confirmaria ali os seus méritos, matando. Pois bem, Manuel dos Santos cortou orelhas na novilhada de Badajoz, como milhares de portugueses puderam verificar. Agora, um telegrama da Agência Efe dá-nos notícia da novilhada que Manuel dos Santos ali matou com o categorizado Paquito Muñoz e Juanito Bienvenida, que foi colhido — o cartá que Alfredo Ovalhe nos deu em Santarém, afinal. Manuel dos Santos bandarilhou os seus dois touros ao «queibro» e de poder a poder, entre ovações e, ao som da música, realizou façanhas em que cortou orelhas, matando bem e «descabellando» a pulso. Triunfou nos seus dois touros e ao que matou em substituição de Bienvenida. Registrando o éxito, declaramos registar-nos com a confirmação dos méritos de Manuel dos Santos em Espanha. — R. P.

ROGERIO PEREZ

F. C. do PORTO CAMPEÃO de ANDEBOL pela 8.ª vez

Reatou-se a tradição. O Futebol Clube do Porto, terceiro classificado no seu campeonato regional, considerado pela crítica em flagrante crise de equipa, chega ao campeonato nacional, sente a mística de uma prova onde sempre agiu como senhor, agiganta-se, conquista com galhardia o direito de finalista, na luta derradeira, reaparece-se brilhantemente do título com um resultado de 8-2, tão expressivo, que não dá margem a dúvidas.

Com o Sporting passa-se o contrário; luteu de igual para igual com os melhores no decurso do torneio lisboeta e derrotou o campeão nos jogos de apuramento deixando ante a possibilidade para uma ambição atrás da qual corre há tantos anos; mas, ante o clássico rival, inferioriza-se, sente de antemão o peso do destino fatídico e sucumbe. Foi assim, uma vez mais, no encontro disputado no domingo, em Coimbra, pelos dois grandes clubes do andebol português; os portuenses, que viram o jogar uma semana antes, no seu feudo, e nos deram apenas a impressão de um conjunto voluntarioso, mas distante da categoria de outrora, acharam-se no momento preciso.

Tirar daqui uma conclusão? A única possível do enfraquecimento do andebol lisboeta, ideia já sugerida pela exibição medíocre dos seus representantes ante a Seleção de Barcelona. Os jogadores que lhe fizeram o auge, com o andar de anos, começaram a baixar de valor e não apareceram mãos capazes de os substituir sem decréscimo do merecimento global.

Aceta-se de boa mente a superioridade norte-nha, expressa pela dupla vitória dos seus campeões nos campeonatos federativos de seniores e juniores.

Infelizmente, nesta segunda categoria, parece ter havido irregularidade regulamentar na admissão das fichas dos jogadores por parte da Associação Portuense; este organismo julgou-se no direito de legislar por conta própria e comprometeu os seus filiados. Mas muito mais para estranhar a complacência da Federação que recebeu fichas de jogadores com idade além do limite estabelecido por circular da Direcção Geral dos Desportos e as aceitou sem reparo.

A situação determinada por este procedimento é melindrosa; há interesses contraditórios em jogo, legítimos uns, cobertos os outros por uma sanção superior. Seja qual for a decisão, haverá sempre o sacrifício de uma vítima inocente.

José de Eça



Um sportinguista e um portuense na luta pela posse da bola.

AUGUSTO SILVA

o BELENENSES

Por se ter demitido do cargo de treinador, e, numa última manifestação de apreço, a direcção do Belenenses, da presidência do sr. dr. Octávio de Brito, promoveu um jantar de homenagem a Augusto Silva.

A homenagem foi simples, mas os actos simples são por vezes mais tocantes. Augusto Silva, médio-centro inigualável, internacional e olímpico, que só conheceu a camisola azul, despediu-se do cargo de treinador do Belenenses com a consciência do dever cumprido. Certamente, no seu espírito, deve perpassar hoje a amargura da chamada Organização não ser o que devia e podia ser mas ele continuará como um soldado dedicado da causa belenense.

A sua volta juntaram-se, no «Francfort do Rossio», os directores e jogadores do clube e os jornalistas da especialidade. Estes compareceram em massa e só isso traduz alguma coesão.

O presidente do Belenenses, com simplicidade, disse, em breves palavras, o grande conceito em que o clube tinha Augusto Silva, uma das suas grandes figuras de todos os tempos.

O treinador agradeceu. Também em breves palavras. E nada mais se passou... No fundo, Augusto Silva dominou a reunião com o seu passado de jogador, com a sua vida exemplar de homem e com a sua competência profissional que, sem favor, lhe dá o primeiro título entre os treinadores portugueses. Todos os presentes tinham alguma coisa para dizer a Augusto Silva, mas ninguém sentiu necessidade de proferir palavras...



Em cima, a equipa de andebol do F. C. do Porto, que conquistou pela 8.ª vez o campeonato de Portugal. Em baixo — o ataque portuense em acção



Augusto Silva, no momento de agradecer a presença dos convivas seus amigos

ROGÉRIO no BRASIL



Rogério, com sua esposa e vários dirigentes do Botafogo, do Rio de Janeiro, está já no Brasil. Esta fotografia documenta a altura do desembarque

Notas à margem

do Campeonato Mundial de Oquei

III — A equipa de Inglaterra

Foi preciso que em Lisboa se organizasse — pela primeira vez — um torneio internacional de oquei em patins, para que a Inglaterra perdesse os seus dois títulos de campeão da modalidade, am conquistado em 1926 e outro dez anos mais tarde. E foi preciso, também, que se disputassem os primeiros campeonatos do Mundo e da Europa no Pavilhão dos Desportos — para que os britânicos sofressem as suas primeiras derrotas oficiais. Convém referir, por simples esclarecimento, que em doze campeonatos europeus e dois mundiais os ingleses apenas consentiram quatro empates!!! Ora isto é salientemente elaciativo do valor real dos oquistas da Grã-Bretanha, mas abona, sobretudo, a insólita categoria internacional dos novos campeões do Mundo.

Na crónica anterior, acerca da equipa da França, accentuei a contribuição que a guerra teve no abaximento de valia técnica de alguns tarmes nacionais; esses países, mais asoberbados pela conflagração que devastou a Europa (da grande parte do vasto continente), ressentiram-se, naturalmente, não podendo agora dar o seu rendimento normal. A Inglaterra, por via de regra, está também incluída nesse número. Não houve tempo para «experiências de ocasião» — a guerra acabou há tão pouco tempo! — e os britânicos, que em oquei em patins ainda não tinham perdido, foram obrigados a socorrer-se da veterania.

Tais os casos de Peter Walters, Ronald Halm e Bill Newbury, jogadores estes que tomaram parte no 1.º Campeonato do Mundo, em 1936, em Estagarda, na Alemanha. Mas a equipa tinha por «base» o Herne-Bay Rink Hockey, de que fazem parte Fred Payton, Herbert Bedwell, Don Goodall, além do veterano Walters; Eddie Bown e o citado Newbury são do Alexandra Palace Clab, e o também mencionado Holme pertence ao Manchester Birch Park.

Com esta equipa — e digna-se que Mount, Spice, Benet e Wellmann, presentes, am més antes, no torneio internacional de Montreux, não vieram a Lisboa por não terem a suficiente experiência de jogos de categoria — a Grã-Bretanha «contos» poder resistir ao confronto com os portugueses. Mas as coisas não lhe correram de leição... A primeira derrota oficial, no desfilio contra a Bélgica por 0-6, abalou os aliceres firmes da tarma — e tirou-lhes de vez todas as ilusões! A derrota, no entanto, foi naturalíssima e plenamente justificada, primeiro pela brusca subida de temperatura — foi a maior noite de calor no Pavilhão do Parque Edoardo VII — que inflava de maneira decisiva no jogo dos britânicos e lhes quebrou energias. Depois... A «obra de destruição», fatal e irremissível, continuou-a a Itália e completaram-na os bravos e endiabrados oquistas lusitanos. Mas, nesses jogos, já os ingleses não deram tanta sensação de incapacidade, como contra os belgas, em noite quantíssima e de má disposição.

Embora a Inglaterra tivesse vindo a Lisboa deixar os dois preciosos títulos de campeão imbatível, a verdade é que não se pode negar mérito, absoluto, confirmado através de exhibições de oquei perfeitíssimo, tecnicamente, nos seus magníficos jogadores. Para a crítica, eles foram, sem sombra de dúvida, os melhores e mais perfeitos exccetantes... até à altura de cedarem por fadiga diante de adversários mais bem aclimatados! A madaça brusca de temperatura derrotou-os sem remédio. Mas nam aspecto eles foram nitidamente superiores: em desportivismo. Nisso deram bellissima lição — que não deve esquecer-se e pode servir de exemplo. Simplesmente admiráveis — em lealdade, em correcção e em disciplina. Foram então verdadeiros campeões — campeões do habitual cavalheirismo britânico. Perder am ou mais jogos — ou mesmo am ou mais campeonatos? Isso que importa? Tudo é desporto... E tem de haver sempre vencedor e vencido — como natural reflexo de qualquer pugna. Que é bonito, muito bonito mesmo, quando se perde com galhardia e se sabe reconhecer, conforme o fizeram os jogadores ingleses, o valor do adversário vitorioso.

A classe dos britânicos ainda se patenteou em Lisboa. Peter Walters é maravilhoso e deve ter sido no sua remota mocidade — hoje o jogador será quarentão! — am exccetante excepcional. Goodall, estratarmalmente «esquerdino», fez-nos recordar Leonel Costa nos seus tempos áureos. Payton, na baliza, demonstrou calma e segurança absolutas. Bedwell e Bown completaram-se muitíssimo bem. E

Newbury e Halm não destoaram, apesar da sua veterania. Que dizer, pois, de uma equipa assim? O quinto lugar não está de harmonia com o seu valor. Nem a tarma deve ter semelhança com as representações oquisticas britânicas de antes-da-guerra, cuja classe formava aparte, conforme pode ver-se através do quadro indicativo dos resultados. Ei-lo:

	Alemanha	Bélgica	França	Italia	Portugal	Suiza
1926	9-2	13-0	2-2	14-0	—	8-0
1927	8-2	15-0	2-1	7-1	—	7-0
1928	8-1	9-1	5-3	5-1	—	7-1
1929	7-1	2-0	6-3	6-2	—	2-2
1930	4-2	6-0	6-0	—	5-1	5-2
1931	10-1	10-0	3-0	2-1	4-0	11-1
1932	8-3	14-0	7-2	—	4-2	3-4
1934	3-1	3-0	6-3	11-1	—	2-1
1936	4-0	5-0	1-0	1-1	6-0	4-1
1937	5-2	6-1	9-1	3-2	3-1	10-2
1938	6-0	4-2	2-1	3-3	3-0	6-1
1939	2-0	4-1	8-1	4-1	3-0	5-2
1947	—	0-6	5-2	3-4	0-3	5-2
	71-15	91-11	60-19	59-17	28-7	77-19

(*) — Também campeonatos do Mundo. Acrescenta-se o único resultado com a Espanha (5-2) em 1947.

Se bem que a superioridade dos ingleses tivesse sido mantida tantos anos, durante quantos campeonatos se disputaram... até ao de Lisboa, a verdade é que a equipa da actualidade não é a mesma. Mas ainda pode considerar-se das melhores da Europa e até do Mundo. Rebelu a isso no torneio de Maio. Seu jogo não é feito à base de velocidade — como se exige actualmente do praticante de oquei em patins — mas sim de um determinado número de circunscrições que impõem a chamada «harmonia do conjunto». Em pormenor, agradam, sobretudo no que respeita a domínio de bola e a certeza nos passes, sem preocupação de fagirem ao embate nas proximidades da baliza. Isso não impede a marcha do homem sobre a

bola. Em suma: os ingleses — ma grado e derrota que só conheceram em Portugal — ainda têm uma boa equipa! Vejam-se resultados completos das tarmes britânicas:

	J.	V.	E.	D.	goals	clasf.
Em 1926	5	4	1	—	46-4	1.º (a)
* 1927	5	5	—	—	34-4	1.º
* 1928	5	5	—	—	34-7	1.º
* 1929	5	5	1	—	25-8	1.º (b)
* 1930	5	5	—	—	26-5	1.º
* 1931	6	6	—	—	40-3	1.º
* 1932	5	5	—	—	38-11	1.º
* 1934	5	5	—	—	27-6	1.º
* 1936	6	5	1	—	21-2	1.º
* 1937	6	6	—	—	35-9	1.º (c)
* 1938	6	5	1	—	21-7	1.º (d)
* 1939	6	6	—	—	25-5	1.º
* 1947	6	3	—	—	16-19	5.º (e)
	71	64	4	3	391-90	

(a) — Empate de 2-2 com a França.
(b) — Idem de 2-2 com a Suiza.
(c) — Idem de 1-1 com a Itália. Neste torneio a equipa britânica apenas consentiu mais um gol: da Suiza.
(d) — Idem de 3-3 com a Itália.
(e) — Igualdade de pontos com a Itália.

Poderá a equipa da Grã-Bretanha voltar ao seu apogeo?!! Estão em crer que sim... até mesmo nam futuro não muito distante! A nação tem bastantes atletas. E também tem prestígio suficiente para «voltar-a-voltar», passe o neologismo, porquanto a comunidade britânica é forte... e nunca perdeu a última batalha! Isso é tradicional — e a tradição tem muita força. E' natural que a derrota de agora sirva aos dirigentes do oquei inglês como aviso... Qual será a reacção? Contemos com isso, tanto mais que Peter Walters, capitão da equipa, disse-o a Correira de Brito, quando aquele camarada e bom amigo o ouvia para «O Comércio do Porto»... Ainda temos bem presentes as palavras de Walters: — O grupo de Inglaterra terá, em breve, o mesmo poderio de outras épocas; a escola é a mesma... e é preciso pôr a juventude ao serviço da técnica...

Jorge Monteiro

A seguir: IV — A equipa de Italia.

Actividade internacional

O desporto português mantém-se em acesa actividade internacional, com resultados satisfatórios e benefícios evidentes.

O futebol, naturalmente em primeiro lugar pelo valto do seu internacionalismo; o oquei em patins, naturalmente também primeiro pela alta categoria dos seus êxitos; o andebol, o basquetebol, o atletismo, a esgrima, o ténis e o ténis de mesa, o oquei em campo, o tiro aos bombos, o «ragby», o «golf», a vela, o hipismo — que em terras de Espanha não logrou impor-se —, foram as modalidades que já prestaram provas no decurso de 1947. Anunciam-se já novas competições contra estrangeiros, para os atletas, ginastas, nadadores, velejadores, voleibolistas e remadores, isto é, praticamente, todos os desportos praticados em Portugal conseguiram, este ano, competir internacionalmente.

O facto merece ser posto em foco, porque nunca se verificou no passado e porque, sendo de indiscutíveis vantagens, só foi

possível devido à actual organização hierárquica do desporto português e ao auxílio concedido pelos instituições oficiais. Quem sonhar, há alguns anos atrás, que tão em breve seria realidade am eclectismo internacional de tamanho valto?

Das lições que nos trazem todas estas competições, da avaliação que permitem ao nosso progresso e à categoria atingida, podem provir algamas desilusão, mas recolhemos também sobrados benefícios e algamas reconfortantes alegrias.

Estamos no bom caminho, selámos já por sobre a barreira geográfica da Espanha e encontramos além dos Pirenéus, por toda a Europa, acolhimento favorável às nossas pretensões de aproximação. E' preciso não perder o ritmo, nem adormecer à sombra dos louros: entusiasmo, trabalho e estado, fé e disciplina, persistência e iniciativa, e o desporto lusitano conquistará ou, melhor, confirmará os direitos ao lugar que já conquistou no conceito mundial.

Ano V — II Série — N.º 240
Lisboa, 9 de Julho de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 40903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA e
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Passou despercebido o jogo Porto-Atlético. O público não se deslocou para o Bessa, e os grupos, sem ambiente, procuraram jogar durante 90 minutos e mais nada. Não terminou em beleza, este campeonato. Para isso não contribuíram apenas as equipas que o disputavam. Outros elementos colaboraram também neste «fim de festa...»

No mesmo dia, o domingo último, disputaram duas equipas do F. C. do Porto provas colectivas do campeonato nacional: em oquei e andebol.

Julgamos que os grandes clubes se impõem precisamente à custa destas «pequenas coisas». O clube portuense ganhou a sua popularidade trabalhando e desenvolvendo a sua acção nos campos de jogos.

Precise apenas que o julgamento um pouco melhor.

Costeram os técnicos lisboetas da pista de cinza do Lima. Desmentem-se portanto as elocudes de certos desportistas, elocudes que diminuíam o valor da pista do Académico.

Não se poderá invocar, portanto, o seu mau estado. Se o Portugal-Espanha se não disputar no Porto, o motivo não será a falta de uma pista capaz. E' bom que isto seja recordado na altura própria...

Continua a falar-se de natação. Apenas se fala e se escreve. Quanto ao resto... nada!

Um modesto clube ribeirinho procurou organizar umas provas, mas não apareceram concorrentes. Os clubes desinteressaram-se, pelos vistos, e os nadadores também. Meu olharado...

Há grande diferença entre o atletismo lisboeta e o atletismo portuense. Viu-se isso nitidamente nas últimas jornadas do campeonato nacional de juniores. Lisboa dominou de ponta a ponta, e apenas puderam os portuenses apreciar um dos muitos aspectos do lula Benfica-Sporting.

E' preciso trabalhar muito mais. O Académico e o Porto estão muito separados, neste ramo desportivo, dos mais importantes clubes da capital. Entretanto, sabe-se que os portuenses gostam do atletismo.

Diz-se que o F. C. do Porto, não tendo ainda campo, no próximo ano, operará por outro recinto que não o Lima.

O terreno do Académico fica muito caro ao F. C. do Porto, até porque a organização é mais dispendiosa. Para principiar, ou melhor, para «fechar...» já experimentou o campo do Bessa...

A voz do Porto

não se ouve em Lisboa...

Acebávamos de escrever umas linhas sobre o pedido feito pelo F. C. do Porto a quem poderia autorizar o jogo com o Atlético, no último domingo, quando na secção de Lisboa do «Comércio do Porto» topámos com o artigo que a seguir transcrevemos:

«Lisboa não conhece o Porto. Esta verdade, infelizmente, tem que ser dita em voz alta, para que seja bem ouvida. O destino ania, para todo o sempre, as duas maiores cidades de Portugal, mas a indiferença dos homens e os baarrismos exagerados têm contribuído, algumas vezes, para que essa ania não seja tão perfeita como deveria ser. Esta referência, evidentemente, não se dirige às «élites», mas ao verdadeiro Povo de uma e outra cidades, que tão pouco comanga um com o outro, quando, afinal, tanto ganhariam com um contacto mais íntimo.

Os jornais do Porto (dê-lo quem estas linhas escreve, lisboeta dos pés à cabeça e que muito se orgulha de o ser) são considerados, na capital, os melhores do País; as indústrias portaenses têm fama e tradições; mas o resto, a alma da Cidade Invicta, é uma carta fechada.

As festas do Porto, que tão brilhantemente decorreram, com o deslambramento das suas iluminações, ranchos e marchas, com os tradicionais festejos de São João e todas as outras manifestações do coração deste velho bargo donde D. Afonso Henriques partiu à conquista de dois terços de Portugal, quase se ignoram nesta «Nobre Lisboa» de tantas e tão desvaídas gentes. E, no entanto, a hora «H» dessa comanhão espiritual é, indiscutivelmente, a hora em que vivemos. A telefonia suprimiu todas as distâncias, anindo os corações, mas a alma do velho bargo, a verdadeira pérola fechada numa concha, ninguém a ouve em Lisboa.

Se não lora pelos jornais do Porto, o elfacinha pouco teria sabido da imponência do cortejo luminoso, da beleza das decorações e do bom gosto que presidia à organização dos mais insignificantes pormenores dos festejos. A «rádio» tem estado muda e este não é o seu papel. Nem Portugal é só Lisboa, nem o Porto é, unicamente, um honroso prélio desportivo entre o «Vasco da Gama», do Brasil e o campeão da Invicta. Não. E' preciso mais. A voz do Porto, infelizmente, não se ouve em Lisboa. — S. B.»

O belo artigo de S. B. não tem sabor desportivo. Mas cala tão a propósito sob os nossos olhos, que não resistimos à tentação de o transcrever. De facto, a «voz do Porto» não se ouve em Lisboa. Em desporto tem sucedido assim várias vezes, parecendo até que há o propósito de se esquecer que as gentes da Capital do Norte, sempre que podem, procuram trabalhar pelo engrandecimento do desporto nacional.

Mas continuaremos a lutar. Esta página cumprirá sempre com a sua obrigação.

O Ginásio Clube virá ao Porto?

Prepara-se a visita de várias classes de ginástica do famoso Ginásio Clube Português. Segundo as nossas informações, está interessado em promover a sua deslocação o conhecido desportista Carvalho Esteves, revertendo o produto para os Bombeiros Voluntários do Porto.

O glorioso Ginásio Clube, por sua vez, não pretende qualquer lucro. Trata-se, como se sabe, de uma verdadeira organização desportiva, e o seu gesto, a ser levado por diante esta deslocação, será bem compreendido pelo público.

Oxalá isso não deixa de fazer-se. A capital do Norte veria boa ginástica, e os simpáticos Bombeiros Voluntários do Porto conseguiriam por certo interessante receita para ajudar a construção da sua sede.

O F. C. do Porto

reconquista o título de andebol

O conjunto do F. C. do Porto, que no ano passado não correu ao campeonato nacional de andebol, desistindo por motivos vários, voltou a conquistar o título máximo. Ou melhor: — a reconquistar...

Em 9 anos de prova, o F. C. do Porto ganhou 81 Estê por isso de parabéns o popular clube.

Direitos iguais...

O F. C. do Porto anda positivamente em maré de pouca sorte. Pretendeu jogar no último domingo no Bessa, contra o Atlético, mas não lho consentiram as entidades superiores. De facto, o pedido do F. C. do Porto merecia bem que o considerassem. Por todos os motivos.

Na quarta-feira, dia de semana, não era o jog. Porto-Atlético capaz de ganhar ambiente público e, por isso, os prejuízos foram totais. Neste último domingo não se fizeram jogos de categoria, nesta cidade, e o encontro interessaria por certo muito mais, salvando alcantarenses e portuenses de uma derrota financeira.

Não se compreende, também, o motivo por que foi autorizada a realização do jogo Sanjoanense-Sporting quando se indeferiu o pedido do F. C. do Porto. Não mereciam os campeões portuenses a mesma consideração?

Este e outros casos têm provocado aborrecidos comentários do público desportivo. Esta prova de absoluta desconsideração (mais uma) provocou um comunicado do F. C. do Porto, para esclarecimento dos seus sócios, pois muitos julgavam que o caso só seria possível devido a descuidos da sua gerência.

Mas não foi assim. Não se quis fazer a vontade ao F. C. do Porto, e lá se efectuou o jogo perante umas dúzias de espectadores desinteressados. Nem o F. C. P. nem o Atlético puderam tirar qualquer benefício de ordem financeira, e o último jogo do campeonato nacional desta época deixou saudades iguais aos de toda a prova...

Aborrecido, tudo isto. E ainda mais porque começa a pesar demasiadamente esta doutrina parcial e até pouco inteligente, doutrina que se aplica de duas maneiras diversas.

Será justo? Não tem os clubes os mesmos direitos? Que responda quem quiser.



**UMA
FESTA DO
GINÁSIO**



O Ginásio Clube organizou uma linda festa nos jardins do Conde Farrobo. Em cima, uma exibição de tiro ao arco. Em baixo, a classe de homens e os seus professores



Maximiano Rola, o 1.º da esquerda, Manuel Pereira e Serafim Paulo, os 3 primeiros do «Grande Prémio de Lisboa»

Campeonato Nacional de Oquei



O F. C. do Porto, embora perdendo 3-0 com o Benfica, fez uma exibição magnífica, em Lisboa. A sua equipa em cima. Em baixo, uma fase do encontro, no Campo Grande



**BENFICA
CAMPEÃO
ABSOLUTO
EM
Basquetebol**

O Benfica triunfou de novo em basquetebol. Ganhou a «Taça de Honras» com o grupo que se vê em cima



Em baixo — Uma fase do jogo com o Vasco da Gama

Vamos ver em Portugal uma grande equipa brasileira, a convite do Belenenses. Uma grande iniciativa do popular clube, que por certo vai ser ajudada pelo público. Bem o merece, visto que os visitantes jogam com muita classe. Publicamos a fotografia da equipa: Guilherme, Adílio, Floriano, Plutão, Pacheco e Rui, de pé; de joelhos: Chico, Alfredo, Eugénio, Celsa, Evora e Simões